

Telefónica  
FUNDAÇÃO

| vivo

# Inova Escola

Práticas para quem quer inovar na Educação.



Apoio:

INSTITUTO |  natura  
bem estar bem

vivo | UMA MARCA DA TELEFÔNICA

## FUNDAÇÃO TELEFÔNICA VIVO BRASIL

Av. Luís Carlos Berrini, 1.376 – 30º andar – 30.151  
CEP 04571-000 – São Paulo – SP

**Projeto Gráfico e Fechamento em PDF por**  
Marcio Nagao e Tony Soares

### **Atribuição-Compartilha Igual CC BY-AS**

Conforme licença Creative Commons, esta obra pode ser remixada, adaptada e servir de base para outros trabalhos, mesmo para fins comerciais, desde que atribuído o devido crédito e que as novas criações sejam licenciadas sob termos idênticos.



Coordenação editorial **Fundação Telefônica Vivo**

Para baixar gratuitamente, acesse:  
[fundacaotelefonica.org.br/acervo/inovaescola](http://fundacaotelefonica.org.br/acervo/inovaescola)

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)** **eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG**

F981i

### **Fundação Telefônica Vivo.**

Inova escola: práticas para quem quer inovar na educação /  
Fundação Telefônica Vivo. – São Paulo (SP): Fundação Telefônica  
Vivo, 2016.

139 p., recurso digital

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-60195-38-1

1. Educação. 2. Inovações educacionais. I. Título.

CDD-370.11

Catalogação Elaborada por Maurício Amormino Júnior (CRB6-2422)

## **Idealização e Coordenação**

Fundação Telefônica Vivo

Américo Mattar – Diretor Presidente da Fundação Telefônica Vivo

Milada Tonarelli Gonçalves – Gerente de Projetos Sociais

Bianca Castiglione – Equipe de Educação e Aprendizagem

Fernanda Gobbo - Equipe de Educação e Aprendizagem

Renata Mandelbaum Altman – Equipe de Educação e Aprendizagem

## **Apoio**

Instituto Natura

David Saad – Diretor Presidente do Instituto Natura

Lucila Schieck Valente Ricci - Gerente de Projetos Educacionais

## **Realização (Pesquisa e conteúdo)**

LABi – Laboratório de Inovação Educacional

Rafael Parente – Diretor Fundador do LABi

Rafael Paschoal – Gerente de Projetos e Conteúdo

Lyna Malheiros – Produção de Conteúdo

Sônia Bertocchi – Consultora e Pesquisadora

## **Edição**

Com Texto & Cia.

Mariângela Almeida – Editora

Rosângela Almeida – Revisora

# Queremos > inspirar você!

A Fundação Telefônica Vivo acredita que pessoas e instituições, juntas, podem transformar o futuro, tornando-o mais generoso, inclusivo e justo. Atuante no Brasil, há 17 anos utiliza tecnologias de forma inovadora para potencializar a aprendizagem e o conhecimento e contribuir para o desenvolvimento pessoal e social, com foco em educação e aprendizagem.

A paixão pela educação é o que move o Instituto Natura desde a sua criação, em 2010. Com o auxílio de uma rede de parceiros, o instituto executa e apoia projetos voltados à melhoria da educação básica da rede pública, no Brasil e na América Latina, que sejam pautados na eficácia da aprendizagem, na equidade de resultados e na coesão social.

Partindo desses anseios comuns, surgiu o “Inova Escola – Práticas para quem quer inovar na educação”, uma produção conjunta da Fundação Telefônica Vivo e do Instituto Natura, em parceria com o LABi - Laboratório de Inovação Educacional.

Mais do que uma coletânea de casos bem-sucedidos de inovação, ou ainda um passo a passo para inspirar quem é apaixonado por educação, esta publicação apresenta sugestões, orientações e evidências de transformações em escolas nacionais e internacionais, incluindo as que integram projetos como “Escolas que Inovam” e “Escolas Rurais Conectadas”.

Com esta publicação, nosso intuito é incentivar, provocar e disseminar a adoção e o compartilhamento de práticas inovadoras em escolas onde exista o desejo de transformação, uma vez que o modelo de ensino tradicional se mostra cada vez menos eficaz e desinteressante para os jovens de hoje.

Esperamos que a leitura deste material traga novas ideias e, principalmente, desmistifique o receio de mudar. As transformações só acontecem quando diagnosticamos os problemas, aceitamos a necessidade de sair da zona de conforto e arregaçamos as mangas para trabalhar.

**Boa leitura!**

**Fundação Telefônica Vivo**  
**Instituto Natura**

- > Inspire-se\_
- > Compartilhe\_
- > Faça acontecer\_

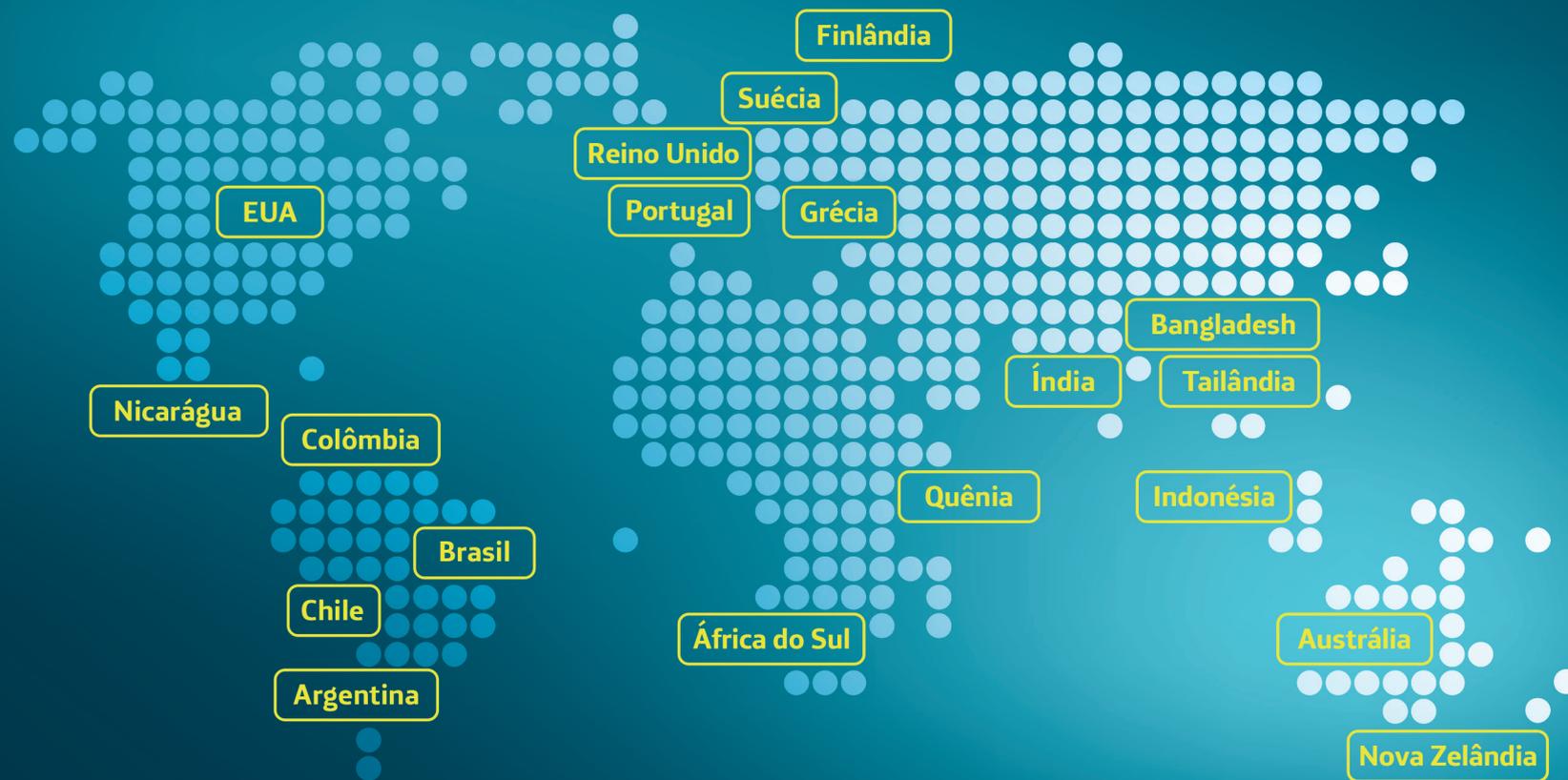
# Vamos transformar a educação?

Se você chegou até este material é porque, assim como nós, está em busca de transformações que melhorem a qualidade da educação que hoje é oferecida a nossos jovens. Uma educação que os prepare, de fato, para serem cidadãos do século XXI.

Simples? Sabemos que não.  
Impossível? Também não!

Já sabemos que há muita coisa acontecendo, muita gente buscando o mesmo, traçando os próprios caminhos e chegando a soluções bem diferentes umas das outras. Precisávamos entender melhor como esses processos acontecem na prática, no dia a dia. Fomos então conhecer mais de perto experiências de transformações em mais de 30 escolas, consideradas referências na inovação educacional no Brasil e no mundo.

Essas experiências nos mostraram que, independentemente de quaisquer fatores, a inovação só aconteceu quando aquela ideia, mesmo que pequena e desprezível, conquistou aqueles que estavam ao seu redor, fazendo com que todos se sentissem pertencentes e responsáveis pela transformação, resultando em novas ideias, que engajariam ainda mais pessoas.



As perguntas iniciais que nortearam a nossa pesquisa – presencial ou em forma de pesquisa *on-line* – foram feitas sempre com o objetivo de se chegar o mais perto possível do “como” aconteceram os processos nas escolas. Ouvimos diretores, professores, coordenadores pedagógicos e estudantes e, claro, não encontramos uma receita mágica para compartilhar com você. Não há fórmula para que a transformação aconteça instantaneamente na sua escola.

Quais foram os facilitadores desse processo?

Como aconteceu a transformação?

Quais desafios encontraram?

Como surgiu a ideia de transformar?

Como avaliam a transformação?

Quais dicas deixam a quem quer inovar?

Quais caminhos escolheram para iniciar?

Como serão os próximos passos?

Como as pessoas reagiram?

No que focaram?

Como venceram desafios?

O que esperamos é que este material seja um convite para a experimentação e um suporte para processos de transformação. Ele está recheado de diversos casos que, certamente, vão inspirar na criação da sua receita, com os ingredientes que você tem ao seu redor, para alimentar sua fome de inovação.

# Mas mudar é mesmo preciso?

> Antes de colocar a mão na massa, é importante que você esteja minimamente convencido de que inovar é fundamental. Vivemos em um mundo gigante e passamos da marca dos sete bilhões de habitantes. Todos com suas particularidades, histórias e vidas específicas. Pequenos grandes universos dentro de cada pessoa, com seus pontos de vista que complementam ou se chocam com os de outras pessoas.

Hoje, esses pontos de vista são muito mais divulgados, graças a avanços tecnológicos e redes sociais. Mais do que nunca, na nossa história, temos muito mais informação sendo compartilhada. Precisamos levar em conta que nossos horizontes foram expandidos, não só em número de pessoas, mas também no alcance de nossas aprendizagens, referências e opiniões. A era industrial já passou e, agora, estamos na era digital.

No entanto, algo muito importante permanece igual em vários lugares do Brasil e do mundo: a escola. Tudo mudou muito rápido e a educação precisa mudar também. Da forma como está, a escola tem dificuldade de dar conta do recado e manter bons resultados, que vão desde um melhor desenvolvimento dos alunos até o combate à defasagem entre idade e série, diminuindo a repetência e a evasão escolar.

Essa mudança não deve acontecer só com a redefinição de como as atividades e o conteúdo são apresentados em sala de aula. É preciso que você tenha claro o objetivo de preparar crianças e adolescentes para a vida, ajudando-os a se desenvolverem integralmente. Isso significa oferecer oportunidades para que se fortaleçam não só nas competências básicas (aquelas também conhecidas como intelectuais), mas também nas **competências para o século XXI**. Não conhece? Então vamos apresentá-las, divididas em três grandes domínios:

# Cog niti vas

- › Inovação
- › Razão e argumentação
- › Habilidade de escutar
- › Interpretação
- › Aprendizado adaptativo
- › Comunicação
- › Alfabetização em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)
- › Pensamento crítico
- › Capacidade de resolver problemas
- › Criatividade
- › Poder de tomar decisões
- › Função executiva

# Inter pessoais\_

- › Negociação
- › Cooperação
- › Influência social
- › Comunicação assertiva
- › Autoapresentação
- › Trabalho em equipe
- › Responsabilidade
- › Valorização para a diversidade
- › Resolução de conflitos
- › Automonitoramento
- › Liderança
- › Adaptação
- › Empatia

# Intra pessoais\_

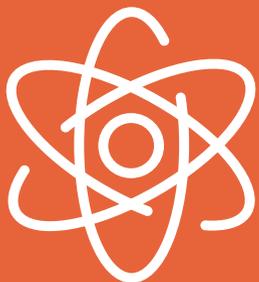
- › Cidadania
- › Integridade
- › Responsabilidade
- › Produtividade
- › Autodidatismo
- › Profissionalismo e ética
- › Valorização da arte e da cultura
- › Interesse intelectual
- › Autocuidado
- › Metacognição
- › Consciência
- › Flexibilidade
- › Iniciativa
- › Determinação
- › Perseverança



## Lembrete

Competência é a capacidade de aplicar os resultados da aprendizagem em um determinado contexto (educação, vida pessoal, relações sociais e desenvolvimento profissional), não se limitando aos elementos cognitivos (uso da teoria, conceitos ou conhecimento tácito, que cada pessoa adquire na vida), mas também abrangendo aspectos funcionais (competências técnicas), atributos interpessoais (habilidades sociais ou organizacionais) e valores éticos.

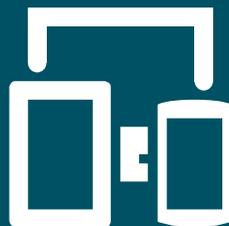
# 5 motivos para transformar os modelos educacionais públicos ao redor do mundo:



Novas descobertas  
das ciências  
da educação



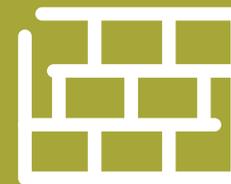
Globalização  
e explosão  
de informação/  
inteligência coletiva



Tecnologias  
onipresentes (que  
estão em toda parte)  
e mídias sociais



Mudanças  
na natureza  
do trabalho  
e emprego



Falta de acesso,  
desigualdade  
e jovens  
desmotivados

Texto adaptado da palestra de David Albury no #EIE\_FT 2013, por Sônia Bertocchi

# Quer mais argumentos?

A realidade do século XXI se caracteriza por mudanças contínuas. Fica cada vez mais evidente a necessidade de formar um indivíduo de maneira **holística**, com as competências que lhe permitem responder a esse novo ambiente. Os professores devem ter flexibilidade e capacidade de adaptação para acompanhar esse movimento, uma vez que o currículo escolar atual passa a exigir habilidades como pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração, criatividade e inovação.

Então, o que se espera com essas mudanças na sala de aula e, conseqüentemente, na educação? Cidadãos socialmente participativos, críticos, integrados ao seu meio, solidários, com mais chances de sucesso na trajetória profissional, o que não só reflete na vida de cada um, mas impacta positivamente na economia sustentável de um país e no desenvolvimento humano da nação.

Outro aspecto que justifica tais mudanças é que o modelo de escola tradicional tem se tornado desinteressante, uma vez que fica muito distante da realidade do aluno. É preciso começar a prepará-lo para o mercado de trabalho, tão competitivo e cada vez mais exigente, porque não só o conhecimento técnico faz diferença, mas habilidades como atuar em equipe, ser proativo, criativo etc. têm grande peso no desenvolvimento profissional.

Texto adaptado da palestra de David Albury no #EIE\_FT 2013, por Sônia Bertocchi



## Lembrete

Para inovar alguma coisa é preciso inovar-se. Se não fizermos um esforço pessoal para inovar a nós mesmos, não teremos condições de inovar a educação. O caminho que se anda todo dia é mais cômodo, porque é repetido de modo inconsciente. Mas há caminhos novos... Eles podem não ser tão cômodos no início, mas nos levam a lugares surpreendentes!

# O que temos hoje no Brasil?

Estes dados estatísticos mostram a seriedade do problema:

**2,9 milhões** de estudantes estão fora da escola

**47%** da nossa população têm apenas o nível básico

**27%** é a porcentagem daqueles que são considerados analfabetos funcionais em nossa população

**58º** é a posição do Brasil no **PISA**, avaliação educacional promovida pela **OECD** em 65 países

**55,4%** dos estudantes do 3º ano do ensino fundamental não sabiam ler e interpretar textos corretamente, em 2013

# 70%

É a proporção de alunos que, até 2022, deve ter o aprendizado adequado, segundo as metas estabelecidas pelo movimento **Todos pela Educação**. Mas quem pode ajudar a educação brasileira a se aproximar dessa meta? Você! Com uma nova escola, isso se torna possível! Uma nova escola que contribua para mudanças no cenário mostrado pelos dados da Prova Brasil de 2013. Veja:

## Língua portuguesa, 5º ano

> 40%

É a proporção de alunos que aprendeu o adequado nas competências de leitura e interpretação de textos até o 5º ano na rede pública de ensino. Dos 2.443.581 alunos, 973.915 demonstraram o aprendizado adequado.

## Língua portuguesa, 9º ano

> 23%

É a proporção de alunos que aprendeu o adequado nas competências de leitura e interpretação de textos até o 9º ano na rede pública de ensino. Dos 2.589.764 alunos, 610.893 demonstraram o aprendizado adequado.

## Matemática, 5º ano

> 35%

É a proporção de alunos que aprendeu o adequado na competência de resolução de problemas até o 5º ano na rede pública de ensino. Dos 2.443.581 alunos, 847.712 demonstraram o aprendizado adequado.

## Matemática, 9º ano

> 11%

É a proporção de alunos que aprendeu o adequado na competência de resolução de problemas até o 9º ano na rede pública de ensino. Dos 2.589.764 alunos, 290.458 demonstraram o aprendizado adequado.

Fontes: Todos pela Educação, Instituto Montenegro, Prova Brasil 2013, **Inep**.

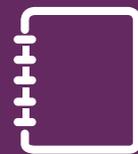
# Abordagens inovadoras

Algumas escolas brasileiras, e pelo mundo afora, já sabem que há três modalidades de inovação, em que não existe melhor ou pior. Cada uma tem o seu tempo e o seu valor. O contexto é que vai dizer o que é mais adequado no momento. São elas:



## Radical

Aquela que sacode a escola e provoca reações de admiração e espanto



## Incremental

Uma releitura inovadora que se baseia no rearranjo de coisas antigas



## Substancial

Uma melhoria contínua, que incrementa um produto ou uma ideia já existente

Várias escolas inovadoras que abordamos neste material possuem muitas semelhanças nos seus processos, práticas e experiências de transformação. Relatos e pesquisas evidenciaram a adoção, ainda que intuitivamente, de uma metodologia comum nos tempos da implementação dos processos de inovação nessas escolas. Não necessariamente linear, essa metodologia ajuda na articulação de ações e pessoas envolvidas, englobando três fases:

## > Estimular

Momento em que se identifica qual a razão de se querer inovar, procurando não só entender mais sobre o que se pode fazer, mas também pesquisando aliados para criar novas concepções

## > Incubar

Momento em que se coloca a mão na massa, criando soluções, planejando ações, implementando o que foi pensado e avaliando seus resultados

## > Estender

Momento de contar para o mundo o que se está fazendo, disseminando as ações, com ajuda de mais parceiros

>> Em nossa concepção, inovar em educação é criar e implementar, com sucesso, novas ferramentas, metodologias ou modelos que tornem a gestão de escolas e redes mais eficientes, demonstrando melhoras efetivas na aprendizagem dos alunos. A inovação pode ou não incluir computadores, aplicativos e *internet*, ocorrer de baixo para cima ou, ao contrário, começar com programas de governo ou a partir de iniciativas dentro de uma sala de aula, ser incremental ou radical, relacionar-se a conteúdos, a métodos ou à gestão.

Há várias razões pelas quais precisamos inovar. A principal delas não é novidade para ninguém: o nosso sistema educacional é atrasado e extremamente ineficiente. Quase metade dos jovens brasileiros não conclui o ensino médio na idade adequada e a principal causa do abandono escolar é o desinteresse. A escola não se mostra relevante ou capaz de motivá-los. Menos de dois em cada dez jovens brasileiros de 17 anos têm conhecimentos básicos e essenciais relacionados à interpretação de texto e ao raciocínio lógico matemático. <<

Priscila Cruz, fundadora e diretora do movimento Todos pela Educação,  
e Rafael Parente, fundador do LABi – Laboratório de Inovação Educacional  
e da Aondê Educacional.

Fonte: “Tendência irreversível”, 31/08/2015, Estadão (<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,tendencia-irreversivel,1753295>)

# Escolas que inovam sabem que é importante eleger prioridades

Nas escolas pesquisadas, além da metodologia e das modalidades de inovação, notamos também que a temática apresentava semelhanças. E mais: alguns temas se colocavam como prioridades na maioria delas. Observando atentamente, chegamos a seis temas e seus focos, recorrentes nessas histórias de inovação. Esses temas inspiraram a organização deste material. Por isso, vamos tratar de cada um deles que, a partir de agora, definem os capítulos desta publicação:

 <h2>Personalização</h2> <p>Cada estudante é único e merece a chance de traçar o próprio caminho de aprendizagem.</p>	 <h2>Projeto de Vida</h2> <p>O estudante deve ter espaço e apoio para dedicar-se aos seus interesses e objetivos de vida.</p>	 <h2>Papel do Professor</h2> <p>O professor é uma das inúmeras fontes de conhecimento dos alunos. Seu papel deve ser repensado.</p>
 <h2>Recursos Tecnológicos</h2> <p>A tecnologia já é parte da realidade dos alunos. Nosso papel é trazê-la como aliada e ferramenta para a aprendizagem.</p>	 <h2>Espaços Diferenciados</h2> <p>A sala de aula não precisa estar organizada ao redor do professor, mas ser repensada de forma a facilitar a aprendizagem.</p>	 <h2>Gestão Inovadora</h2> <p>Os profissionais da escola não são os únicos responsáveis pela aprendizagem dos jovens.</p>

# Iniciando os trabalhos!

Antes de mergulhar nos temas, é importante saber que os capítulos a seguir não possuem uma sequência cronológica e não dependem uns dos outros para ser entendidos. No entanto, acreditamos que ler todos eles vai ajudar você a refletir mais sobre os temas e ter contato com as experiências e os relatos que coletamos durante a pesquisa. Para facilitar sua leitura, pensamos em organizar cada tema desta forma:



## Conceito

Você sempre encontrará uma contextualização sobre o tema em destaque, com uma explicação clara e objetiva.



## Desafios

Você terá uma referência aos principais desafios que cada tema impõe para poder trabalhar com ele.



## Caminhos percorridos

Você conhecerá exemplos de escolas que já estão inovando e quais estratégias foram utilizadas para alcançar seus objetivos e implementar os mais variados processos de transformação. Ao longo do material, ideias e depoimentos de alunos, professores e gestores vão apoiar as suas reflexões e estratégias inovadoras. Para tornar a sua experiência ainda mais completa, há vários passo a passos de práticas bem-sucedidas que poderão servir de inspiração para que você comece a replicá-las na sua escola.



## Lembrete

Para facilitar o melhor entendimento do texto, destacamos siglas, termos, nome e palavras mais complexas cujos significados estão no final desta publicação, no Glossário. Também, nas últimas páginas, você encontra os *links* das escolas inovadoras, de plataformas e métodos de ensino diferenciados, de *sites* para suas pesquisas, além de sugestões de leitura.



## > Personalização

> Projeto de Vida

> Papel do Professor

> Recursos Tecnológicos

> Espaços



# Cada estudante é único e merece a chance de traçar o próprio caminho de aprendizagem



## > Conceito

Que alegria é trabalhar com pessoas, não é verdade? Pessoas e suas histórias, talentos, vontades, “maluquices”, dores, alegrias, objetivos e sonhos. Trabalhar numa escola é trabalhar sempre com esse grande universo de pequenos mundos.

Imagine, por exemplo, um estudante que é o “número 1” ao contar histórias para os amigos, mas pode ter certa dificuldade na hora de botá-las no papel, enquanto, nessa mesma turma, alguém vive o inverso: manda muito bem na hora de escrever, mas não sabe como expor oralmente o que pensa ao grupo.

O que queremos dizer é que cada estudante é único e isso significa que todos possuem habilidades distintas, aprendendo das mais diversificadas formas e em ritmos bem específicos.

Logo, não podemos ensiná-los do mesmo jeito e esperar o mesmo resultado de cada um. Se quisermos que todos aprendam, precisamos compreendê-los individualmente e orientá-los de modo que tenham mais chances de atingir todo seu potencial.

Pode parecer complicado. Mas talvez não seja tanto assim. Antes de qualquer coisa, reserve um momento para fazer essa reflexão, respondendo as questões:

- › Estou respeitando a individualidade do aluno?
- › Como tenho tratado a sua liberdade?
- › Como encaro/trabalho sua autonomia?
- › Como estimulo sua capacidade de comunicação?
- › Como desperto sua consciência de participação na sociedade?



## Lembrete

É importante ressaltar que individualizar, diferenciar e personalizar não são a mesma coisa.



### Individualizar

o professor identifica e satisfaz uma necessidade específica de um aluno do grupo



### Diferenciar

o professor satisfaz as necessidades específicas de um grupo de alunos com objetivos em comum



### Personalizar

o aluno tem autonomia para se envolver no desenho do próprio aprendizado e o professor funciona como um facilitador

Personalizar a aprendizagem é fundamental no processo de inovação de qualquer sistema educacional e, automaticamente, engloba todos os outros temas que esta publicação vai explorar.



## > Desafios

- > Aceitar que é possível personalizar a educação, mesmo quando se está sozinho numa sala com cerca de 30 alunos. Esse motivo não pode ser um impeditivo, mas é preciso buscar as maneiras viáveis de personalizar dentro do seu contexto
- > Desmistificar a ideia de que ou se personaliza totalmente ou não se personaliza nada. Personalização pode acontecer em um nível mais elevado ou mais simples. Não é utopia
- > Entender em que nível do aprendizado o estudante se encontra, levando em consideração não só suas dificuldades, mas também os seus interesses “extraclasse”
- > Entender e aceitar que cada estudante tem uma história de vida e que todos buscam, mais do que nunca, as informações que eles querem e precisam saber, de uma forma ou de outra
- > Buscar sempre maneiras eficazes para conhecer mais e melhor os estudantes: desde a simples observação e conversas descontraídas e pontuais, até processos diagnósticos mais formais, como questionários que identificam habilidades para o século XXI
- > Desenvolver habilidades e condições para ajudar o aluno a traçar o seu itinerário formativo, respeitando os seus interesses e necessidades
- > Criar vínculo com seu aluno, a ponto de ele confiar em você, permitindo que possa participar da criação desse itinerário



## Lembrete

O itinerário formativo é um roteiro que funciona como um grande mapa do processo de aprendizagem do aluno. Nele está contido um guia com atividades, temas, áreas e vivências que vão responder a necessidades individuais de cada estudante ao longo do caminho. O

itinerário não precisa ser um documento imutável. Muito pelo contrário! Ele pode ser revisado, adaptado e discutido sempre que possível, levando em consideração os principais avanços do seu diagnóstico a respeito daquele jovem.

Na EMEF Amorim Lima, localizada em São Paulo, eles utilizam o “Roteiro de Pesquisas”, um conjunto de objetivos relacionados a atividades que o aluno deverá executar para cumpri-los, com indicação de onde pesquisar. Ao lado, um exemplo de como ele é organizado.

ROTEIRO DE PESQUISA: **TECNOLOGIA E OPINIÃO**

ESTUDANTE: \_\_\_\_\_ GRUPO: \_\_\_\_\_

Início roteiro: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Término roteiro: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_



ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL

**Objetivo geral:** Conhecer o desenvolvimento das tecnologias e sua influência sobre a expressão coletiva e individual.

OBJETIVOS	ATIVIDADES	FONTE DE PESQUISA	AVALIAÇÃO DO EDUCADOR
1. Ouvir a canção <i>Pela Internet</i> , de Gilberto Gil, e interpretar a letra.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler a introdução “A língua na era da informação”, p. 10 a 17.</li><li>Pesquisar a origem da internet.</li></ul>	Port 9 Internet	
2. Conhecer as novas invenções no campo da tecnologia.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “As novas tecnologias” e registrar no caderno quais foram os inventos e que avanços provocaram na indústria, p. 12 a 14.</li></ul>	Hist 9	
3. Relacionar industrialização, cidades e sociedade de massas.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “O surgimento da sociedade de massas” e registrar no caderno sua opinião sobre o porquê da maioria da população querer morar nas cidades industriais, p. 18 e 19.</li></ul>	Hist 9	
4. Saber como as inovações tecnológicas e as cidades inspiraram uma nova cultura e uma nova arte.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “Arte moderna: entre a cultura popular e a cultura erudita”. Registrar em seu caderno o que você entendeu dos textos e das imagens, p. 20 e 21.</li><li>Ler o texto “Desenvolvimento Industrial do Japão” e responder as questões, p. 23.</li></ul>	Hist 9	
5. Refletir sobre a arte brasileira do século XX.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “A semana de 1922”. Registrar em seu caderno o que achou mais importante e responder as questões 1 a 4, p. 64 e 65.</li></ul>	Hist 9	
6. Refletir sobre a importância do rádio para a sociedade brasileira.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “Nas ondas do rádio”, p. 162 a 165;</li><li>Responder as questões 1 a 7, p. 165.</li></ul>	Hist 9	
7. Analisar o consumo de programas televisivos no Brasil.	<ul style="list-style-type: none"><li>Ler o texto “A televisão e o cotidiano”, p. 196 a 199;</li><li>Responder as questões 1 a 4, p. 199;</li><li>Ler o texto “Da novela ao reality show”,</li><li>Responder as questões 1 a 4, p. 201.</li></ul>	Hist 9	



## > Caminhos percorridos

Existem diversas formas de implementar a personalização. Muitas escolas estão encontrando caminhos de colocá-la em prática com base nos seus contextos. Você, certamente, encontrará os que melhor se adaptem à sua realidade. Veja algumas sugestões e lembre-se de que elas podem ser mescladas.

# 1 Pensar os conceitos de currículo: oficial, real, oculto

É importante entender como curricular tudo o que acontece na escola: todas as atividades programadas e desenvolvidas sob a sua responsabilidade e que envolvem a aprendizagem dos alunos, dentro e fora da escola.

Lembre-se sempre de que, além do currículo formal, o “oficial”, há um currículo em ação, o “real” – aquilo que, de fato, acontece na escola – e o “oculto” – não explicitado, mas que perpassa, o tempo todo, as atividades escolares. Tudo é currículo!

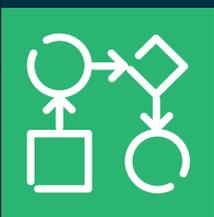


## Exemplos de quem já faz

Northern Beaches Christian School é uma escola vibrante e independente em Terrey Hills, Sydney, Austrália. Oferece uma educação centrada no aluno e com duplo foco: aprendizagem liderada pelos próprios alunos e oportunidade para serem líderes e pensadores criativos. A escola aposta nas relações fortes e positivas como pedra angular para a aprendizagem.

Os estudantes criam, com seus professores, as próprias jornadas. O currículo já é formulado com o intuito de enriquecer, personalizar e deixar autêntica cada jornada de aprendizagem, seja ela individual, em pequenos grupos ou em grupos maiores.





## > Passo a passo

### > 1º Passo – Imersão

Muitas escolas criam momentos de imersão ao longo do ano para pensar o currículo. Não apenas aquele chamado oficial, como também o real e o oculto. Podem-se aproveitar as reuniões pedagógicas, os momentos dedicados ao planejamento de atividades ou até criar um evento, um debate com um especialista. O importante é que seja coletivo e que conte com a participação do maior número possível de atores da comunidade escolar.

O tempo dessa imersão também deve ser discutido por todos. Há escolas que conseguem uma semana para isso, outras dividem as discussões em períodos menores. O contexto é que vai dizer o que é melhor para a sua escola e sua comunidade.

### > 2º Passo – Pergunta norteadora

Muitas perguntas, dúvidas e incertezas surgirão no decorrer dos momentos de discussão, mas uma não se pode perder de vista: qual escola a gente quer construir?

### > 3º Passo – Documento

Importante também é que todos saiam desses momentos com uma proposição de transformações formalizada: um documento escrito coletivamente, contendo uma proposta de reestruturação do currículo da escola. Esse documento, validado por todos, vira compromisso e será uma espécie de guia para as ações.

### > 4º Passo – Formação

Com esse documento elaborado por todos, é importante também que haja algum tipo de apoio continuado aos professores durante a implementação das ações. Exemplo: um ambiente *on-line* onde possam compartilhar e multiplicar suas experiências com os demais educadores, tirar dúvidas, colocar sugestões etc.

Uma reorganização curricular completa demora algum tempo. Não se preocupe em fazer tudo de uma vez. Comece pequeno, se for necessário. Ficar ansioso por resultados imediatos não ajuda em nada nesses processos. O importante é perceber que há mudanças em curso, que algumas coisas, mesmo que pequenas, estão acontecendo, que a escola se movimenta no sentido de inovar.

# 2

## Projetos

A aprendizagem baseada em projetos, por exemplo, envolve os estudantes em um objetivo, exige mais concentração e busca por conhecimento, além de fazer com que eles trabalhem inúmeras competências para o século XXI, como cooperação e autorregulação.



### Exemplos de quem já faz

Se existe algo que faz parte da rotina da escola EMEF Zeferino Lopes de Castro, com certeza, é a expressão “aprendizagem baseada em projetos”. A Zeferino é uma escola pública da zona rural de Viamão, a 25 km de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Um de seus focos é ampliar o protagonismo do aluno na transformação da escola em uma “escola digital”.



Trabalhar com projetos é uma boa forma de mudar o jeito de explorar matérias, como matemática, ciências ou língua portuguesa. Em escolas mais inovadoras, inclusive, o termo “matérias” nem é mais usado, sendo substituído por “temas” ou “conteúdos”. Mas o que importa mesmo é que o ensino passou a focar os interesses dos estudantes. Conversamos com alguns professores e alunos, e eles nos contaram como foi o começo dessa jornada.

>> Quando recebemos os computadores, tínhamos muitos estudantes que estavam desanimados com a escola. Então, começamos a pensar em como animá-los e fazer com que tivessem interesse em ficar aqui. Nada melhor do que deixar que eles aprendessem o que queriam. A aprendizagem deles tinha que ter significado. Partindo disso, começamos a inserir momentos de projetos, em que eles estudavam o que queriam, entre as aulas ainda tradicionais, sem aumentar a carga horária da escola.<<

Rosa Maria Stalivieri, diretora da EMEF Zeferino Lopes de Castro.

>> Quando começamos, a ideia foi que não tivéssemos aulas de conteúdo e que eles surgissem dos projetos, onde os estudantes nos diziam o que queriam trabalhar e nós corríamos atrás.<<

Simone, professora da EMEF Zeferino Lopes de Castro, sobre como a escola pensou em lidar com a educação baseada em projetos, no começo da transformação. Atualmente, o colégio adota momentos distintos para aulas de conteúdo e aulas de projetos.



### Ideia!

Organize seu horário, separando um momento para que os estudantes possam dizer o que têm mais vontade de aprender. Depois, use esse tempo para

trabalhar os principais pontos de interesse, propondo pesquisas fora do tempo de sala de aula e criando projetos com base nesses interesses, tentando estabelecer uma ponte com tudo que estão aprendendo durante a aula.



## Exemplos de quem já faz

Em 2013, a gestão da escola pública EPG Manuel Bandeira, em Guarulhos, São Paulo, abraçou as propostas de dar mais espaços de participação e de construir relações de maior autonomia com os estudantes. Aberto o caminho para o protagonismo, veio o debate sobre o que os alunos queriam aprender. O trabalho com projetos começou, efetivamente, em 2014. Os temas mais escolhidos foram: ecologia, reciclagem, robótica e cidadania.



>> Algumas coisas, no início, não deram certo porque eles ainda não tinham essa experiência antes e não conseguiam se aprofundar nos temas, nem trabalhar as questões mínimas que tinham que trabalhar. Hoje, algumas turmas conseguem trabalhar com projetos, seja a turma toda ou estudantes sozinhos e em grupos. Mas o nosso objetivo para 2016 é aprofundar esse trabalho. <<

Camila Zentner, coordenadora pedagógica da EPG Manuel Bandeira, sobre as dificuldades iniciais.

>> Cada uma por si não daria certo, então, começamos com um projeto mais amplo com todas as turmas. Depois conseguimos, com a ajuda dos estudantes, mostrando seus interesses, trabalhar com projetos de verdade em algumas turmas. <<

Solange Turgante, diretora da EPG Manuel Bandeira, sobre as dificuldades iniciais.

>> Estamos estudando robótica agora porque o professor foi lá e nós votamos o que íamos aprender, e deu robótica. Todo mundo da turma participa e o professor e outras pessoas [profissionais de robótica] ajudam. A gente faz um diário de bordo onde a gente escreve o que mais gostou das aulas e a gente vai revendo as coisas que vamos escrevendo. <<

Daniel, 4º ano, EPG Manuel Bandeira, sobre como registram a experiência.

>> Temos um grupo da escola no *Facebook*, onde discutimos também coisas dos projetos, e um vai ajudando o outro com *links* que complementam os projetos dos amigos. <<

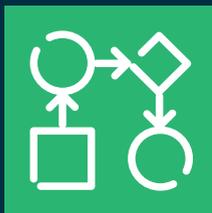
João, 5º ano, EPG Manuel Bandeira, sobre como ampliaram as atividades de colaboração.



## Exemplos de quem já faz

O Colégio Los Manglares, da Colômbia, propõe-se a oferecer um sistema de ensino por meio do serviço voluntário, com avaliações qualitativas e compartilhadas, além do respeito ao desenvolvimento do aluno em seu ritmo e interesse pessoal. A escola busca a implementação de práticas sustentáveis em todos os seus processos. Faz parte ainda do modelo, a interdisciplinaridade entre arte e ciências para estimular a criatividade e resolução de problemas, além do bilinguismo utilizado na pedagogia por projetos.

O trabalho por projetos pressupõe algumas etapas. Não se trata de olhar essas etapas como tópicos fixos de aulas, mas, sim, como situações e encaminhamentos que acontecem ao se adotar essa metodologia. O contexto de cada momento orienta a etapa seguinte.



## > Passo a passo

- > **1º Passo – Definição do tema**  
É preciso ter clareza sobre o que você quer ensinar, o que os alunos querem aprender, o que espera que eles aprendam e o que eles já sabem.
- > **2º Passo – Sensibilização**  
O sucesso de um projeto depende, em grande parte, do interesse despertado nos estudantes. Proponha uma atividade que sensibilize ainda mais os alunos para o tema escolhido. Essa etapa pode ser simples – uma boa pergunta, um vídeo ou um texto – e cumprida por um ou mais professores.

- > **3º Passo – Problema**  
Após as discussões iniciais que suscitaram vários aspectos do tema, já é possível demarcar a situação-problema central do projeto. É interessante que ela se apresente em forma de pergunta. Exemplo: o que podemos fazer para minimizar esse problema?
- > **4º Passo – Produto**  
A resposta à questão central do projeto aparece em forma de produto. Exemplos: cartilhas, cartazes, *sites* na *internet*, peças de teatro, filmes, campanhas publicitárias, ações etc.
- > **5º Passo – Sondagem**  
Os alunos explicam como entendem o problema. Várias ideias/perguntas surgem nesta etapa. Não precisam responder a todas. Hora de filtrar e formular questões mais relevantes e conceituar melhor o problema.

### ➤ **6º Passo – Pesquisa e prática**

Momento de buscar e organizar as informações para fazer um estudo mais aprofundado dos assuntos levantados sobre o tema. Depois de reunir o embasamento teórico, é hora de colocar a mão na massa e pensar praticamente sobre o problema.

### ➤ **7º Passo – Organização dos conhecimentos**

Agora é o momento de sintetizar o que importa, em forma de resumos, gráficos, esquemas, imagens etc.

### ➤ **8º Passo – Elaboração do produto**

Antes de qualquer coisa, é preciso organizar o processo dessa elaboração, ou seja, criar um roteiro: características do produto, equipes responsáveis pelas tarefas, cronograma etc.

É necessário enfatizar que, numa metodologia de ensino por projeto, as decisões e encaminhamentos do processo de sua realização pertencem, prioritariamente, ao grupo de estudantes participantes. Ao professor, cabe o papel de coordenador das atividades desenvolvidas, contrastando com o que ele faria normalmente “dando aula”.

### ➤ **9º Passo – Avaliação da atividade de projeto**

Faça algumas perguntas ao grupo. A ideia é que, nesse momento, os alunos possam dar significado ao que aprenderam com a realização do projeto, não apenas em conteúdos, mas também no que se refere à aquisição de competências e habilidades. Veja alguns exemplos:

- O que estudamos nos habilitou a entender e interagir com o nosso entorno?
- Esse projeto nos mostrou que temos mais autonomia frente aos desafios cotidianos?
- O que estudamos colaborou para que tivéssemos capacidade de tomar decisões para resolver o problema apresentado?
- Trabalhar no projeto permitiu que a gente entendesse melhor o mundo, nossa comunidade, nossa história?
- Estar nesse projeto foi uma oportunidade de nos comunicarmos melhor com outras pessoas?



#### **Lembrete**

As etapas de elaboração também funcionam como fontes de uma avaliação continuada. A cada etapa cumprida, é importante checar o andamento e, se necessário, dar uma parada para replanejar os pontos frágeis.

# 3 Oficinas de estudo/ Disciplinas eletivas

Várias escolas preferem oferecer, além das aulas de matérias tradicionais, oficinas com temas diferenciados para que os estudantes possam escolher os que mais dialogam com seus interesses pessoais. Algumas chamam de oficinas, outras de eletivas ou aulas complementares. O nome pode até variar, mas o objetivo permanece: dar autonomia para que os estudantes tomem decisões importantes relacionadas ao próprio processo de aprendizagem.



## Exemplos de quem já faz

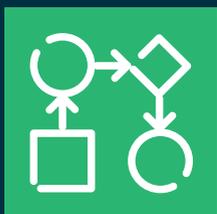
Existem escolas que se baseiam na autonomia do estudante para planejar praticamente tudo. É o caso da Wooranna Park Primary School, escola pública fundada em 1971, no subúrbio de Dandenong North, Victoria, Austrália. Lá, os estudantes, de 40 etnias diferentes, devem se responsabilizar por seu aprendizado e podem negociar seu currículo escolar e se dedicar a paixões pessoais, tratando de temas relevantes e atuais em projetos interdisciplinares.

No Brasil, dez escolas da cidade do Rio de Janeiro integram o Programa Ginásios Experimentais Cariocas (GECs). As aulas eletivas são oferecidas em horários mais flexíveis, pois as escolas funcionam em horário integral. O objetivo é dar poder de decisão aos estudantes, que ficam grande parte do dia na escola e podem definir o que farão naquele determinado semestre.

>> Todas as eletivas têm um objetivo pedagógico. Tem professor que sabe disfarçar isso muito bem e oferece de uma forma tão atrativa que o estudante nem percebe que está aprendendo matemática, por exemplo. Tem um professor que até hoje dá aula de culinária e o estudante nem percebe que aprende português com as receitas, matemática com as medidas e até inglês. Os professores sempre se sentiram muito motivados também. <<

Marly Cardoso, ex-diretora do GEC Epitácio Pessoa, sobre a experiência das aulas eletivas.

Em escolas com horários mais fechados, as eletivas começam em número menor, com pouco tempo, e acontecem entre aulas ou momentos de lazer. Caso sua escola decida trabalhar com as oficinas/disciplinas eletivas, temos algumas sugestões de como iniciar esse processo.



## > Passo a passo

- > **1º Passo – Agenda**  
Garantir uma agenda de estudos à equipe de professores, para que tudo possa ser planejado e replanejado.
- > **2º Passo – Realidade**  
Verificar o que se adapta mais à realidade da escola: oficinas/disciplinas semestrais, anuais, bimestrais.
- > **3º Passo – Escuta**  
Criar situações em que se possa ouvir os alunos para conhecer seus interesses pessoais. A oferta das disciplinas eletivas ou oficinas deve ser resultado de uma escuta significativa dos anseios dos estudantes.
- > **4º Passo – Oficinas/Disciplinas**  
Pensar as oficinas/disciplinas eletivas de modo que, por meio delas, os alunos possam ampliar, diversificar e/ou aprofundar conceitos, procedimentos ou temáticas, relacionando-os, de alguma forma, aos seus projetos de vida e à comunidade a que a escola pertence.
- > **7º Passo – Inscrição**  
Elaborar um processo de inscrição, com um determinado número de vagas para cada oficina/disciplina eletiva, de modo que os alunos sejam devidamente distribuídos, evitando a superlotação.
- > **8º Passo – Engajamento**  
Engajar o máximo possível o aluno na construção do próprio currículo. Dessa forma, a apresentação/divulgação das oficinas/disciplinas eletivas deve acontecer de maneira clara, atraente, motivadora. Elas não devem ser confundidas com as disciplinas tradicionais.

# 4 Reorganização das disciplinas tradicionais

A reorganização das matérias tradicionais pode ser um passo importante no caminho da personalização. Muitas escolas buscam, por exemplo, incluir o conteúdo pedagógico em temas, que são organizados em roteiros, tornando-os mais atraentes para os estudantes e dando, em alguns casos, a opção de escolha na ordem em que serão aprendidos. Muito bacana!

>> No começo do ano, recebemos o livro dos roteiros para o ano todo. Ele é dividido em temas e cada tema tem os seus objetivos. O número de objetivos varia de acordo com o tema. Cada objetivo tem um ou mais temas de livro, como ciências, geografia, história, português ou matemática. Eu posso escolher que roteiro quero fazer, mas depois que escolher tenho que seguir a ordem de objetivos. À medida que eu termino meus objetivos, a professora coloca um X no caderno dela dizendo que eu terminei e eu tenho que entrar na plataforma da escola para fazer o mesmo. No salão, somos separados em grupos de quatro a seis e ficamos juntos o ano todo nos ajudando. <<

Carlos, aluno do 7º ano da EMEF Amorim Lima, São Paulo (SP), que nos recebeu com seu caderno de roteiro debaixo do braço e nos mostrou como funcionam os salões da escola.



## Ideia!

Se você é professor de uma matéria específica, dá para conversar com professores de outras disciplinas para que consigam, juntos, associá-las em temas mais abrangentes, criando uma conversa entre os diferentes momentos e estudos do dia a dia do aluno. Cada professor define seus objetivos dentro do tema e os estudantes precisam cumpri-los durante a sua aula.



## Exemplos de quem já faz

As características principais do modelo educacional da Escuela Nueva, situada na Colômbia, são os guias de aprendizagem, a biblioteca, os cantos de aprendizagem e o governo do estudante.

Os guias trazem atividades didáticas que incentivam o desenvolvimento das habilidades do século XXI, como aprender a aprender, trabalho em equipe e tomada de decisão. A ideia é que os alunos estudem por meio do diálogo entre os pares e com o professor.

Cada estudante pode avançar em seu ritmo no aprendizado e planejar os estudos com a ajuda do educador. Dessa forma, o calendário e o sistema de avaliação são flexíveis à demanda dos alunos.

Os estudantes trabalham reunidos em pequenos grupos espalhados pela sala de aula. Dentro desse espaço, eles têm uma pequena biblioteca e locais que chamam de “cantos de aprendizagem”.

Além disso, os estudantes participam de comissões para discutir questões relacionadas à escola, chamadas de governo do estudante, e que reúnem crianças de diferentes idades, séries e gêneros. O objetivo é desenvolver valores democráticos e o desenvolvimento social e emocional.





Na EMEF Campos Salles, em São Paulo (SP), onde os estudantes trabalham em colaboração nos seus roteiros, acompanhados de três professores responsáveis por dar apoio a um salão com cerca de 70 jovens, não seria possível imaginar um tipo de avaliação formal.

As avaliações formativas (que podem ser feitas por meio de perguntas, jogos, *quiz* etc.) verificam se as habilidades relacionadas no itinerário formativo para aquele período foram desenvolvidas. Caso a avaliação indique que foram alcançadas, a próxima habilidade será liberada, ao passo que se constatar alguma pendência no aprendizado do período, o aluno será direcionado pelos mentores para atividades ou aulas de reforço, dependendo das dificuldades específicas apresentadas.

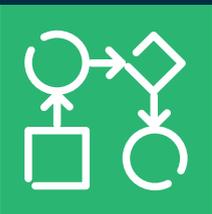
O diferencial no Colégio Fontán, situado na Colômbia, é o autodidatismo. Não há divisão por séries. Não tem salas de aula, nem aulas expositivas. Outro ponto interessante desse modelo é a forte presença da tecnologia na educação. Os alunos estudam por meio de uma plataforma educacional, no seu ritmo, e são guiados por textos elaborados para apoiar seus estudos individuais. Cada um desenvolve o próprio plano de estudos, podendo aprender sozinho ou em grupo. Os alunos acessam dados na **nuvem** para estudar a qualquer hora e em qualquer lugar.

>> Fazemos um bate-papo depois que um roteiro termina, para ver se ele entendeu o que estava aprendendo. Porém, deixamos claro para eles que esse bate-papo não é em forma de cobrança, pois se você aprendeu e foi prazeroso, não tem o peso de uma prova. 'Você quer conversar hoje?'. De repente, o aluno fala assim: 'Hoje eu não estou legal, queria estudar mais em casa, eu não estou pronto'. Eles podem dizer isso! Nós sabemos que o sistema nos impõe dar uma nota, mas nessa escola os estudantes participam da construção dela, que vai ser global e não baseada em conteúdo. <<

Fabiana Gomes, professora da EMEF Campos Salles, São Paulo (SP), sobre a avaliação do aprendizado.

>> A avaliação é constante. Eles são avaliados todos os dias, o tempo todo, através de intervenções que os professores fazem, seja por registros pedagógicos que eles colocam nos cadernos, como re-fazer a atividade ou repensar certa coisa, seja observando o caminhar do estudante. Tem a observação de como o aluno está na sua construção de autonomia, de responsabilidade e de solidariedade. Isso conta muito! <<

Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles, sobre como avaliam o resultado.



## > Passo a passo

- > **1º Passo – Aproximação**  
Aproximar-se dos seus alunos já no início do ano. Dica: proponha uma atividade “Tudo sobre mim”, em que eles gravam um vídeo de dois ou três minutos falando sobre suas principais características.
- > **2º Passo – Planejamento**  
Una-se aos seus colegas professores para elaborar o planejamento de atividades a estudantes que estão em níveis diferentes de aprendizado. Em grupo, fica mais fácil.
- > **3º Passo – Apresentação**  
Procure apresentar propostas/roteiros/itinerários usando outras formas além do papel. Pode ser um vídeo, um clipe de áudio, animações e jogos interativos.
- > **4º Passo – Ir além**  
Como os alunos tendem a terminar as atividades em tempos diferentes, você pode dar as opções “precisa fazer” e “pode fazer”. Assim, quem termina primeiro tem alguma coisa nova para fazer.
- > **5º Passo – Opções**  
Ofereça opções de apresentação, mas acate também as opções dos alunos. Nem todos precisam apresentar suas experiências da mesma maneira.
- > **6º Passo – *Feedback***  
Use o ***feedback***, dando e recebendo retornos objetivos a cada atividade ou iniciativa do aluno, o mais rápido possível.

# 5 Ferramentas e avaliação

Há muitas ferramentas que ajudam a personalizar o ensino. A tecnologia é, com certeza, uma das mais importantes. Dependendo dos recursos da escola, você pode combinar o uso de computadores com cadernos pedagógicos, livros didáticos, vídeos, jogos educativos e objetos digitais de aprendizagem, como os oferecidos por Educopédia, Khan Academy, Escola Digital, dentre outros (veja os *links* nas páginas finais desta publicação).

Hoje, é possível encontrar diversas plataformas digitais que usam atividades, a grande maioria em forma de jogos, para gerar relatórios em tempo real sobre o andamento de cada estudante. Um grande avanço, se levarmos em consideração que a avaliação no contexto de personalização é um desafio.



## Lembrete

As plataformas adaptativas são instrumentos que facilitam muito a personalização da aprendizagem e permitem integrar ferramentas importantes, como as avaliações diagnósticas, a construção dos itinerários formativos, a oferta de objetos de aprendizagem, as avaliações formativas e a geração de relatórios de aprendizagem – tudo isso *on-line* e em tempo real.

Independentemente de ser por meio de uma plataforma ou não, é possível ter um acompanhamento do processo de aprendizagem do estudante de diversas formas:

- › Conversas estruturadas entre aluno e professor em intervalos fixos
- › Acompanhamento de suas jornadas educativas, registradas em diários ou **portfólios** de trabalhos
- › Avaliação entre seus colegas professores
- › Autoavaliação

Quando imaginamos uma educação personalizada, a própria forma de avaliação do rendimento do estudante é reimaginada, assim como o papel do professor que irá agora acompanhar um a um. A equipe pedagógica precisa desenvolver meios para avaliar as aprendizagens, habilidades e competências dos alunos, atentando para que sejam aplicadas questões de diferentes complexidades, de modo que se possa conhecer o grau de compreensão de cada estudante.

Periodicamente, esses meios de verificação devem ser aplicados e, sempre que possível, adequados aos aprendizados desenvolvidos individualmente. É importante identificar quais aprendizagens, habilidades e competências foram efetivamente apreendidas pelos alunos. Há várias maneiras de organizar as informações: por aluno, por expectativas de aprendizagem ou adotando outros critérios. Nos casos de sucesso, os estudantes podem avançar em seus itinerários formativos. Quando se detectar dificuldades, é preciso delinear intervenções pedagógicas focadas nessas necessidades específicas.



## Exemplos de quem já faz

Desde 2014, a EMEF Campos Salles, em São Paulo (SP), utiliza o QMágico, uma plataforma digital que disponibiliza novos recursos de aprendizagem, como vídeos, jogos educacionais e gráficos interativos. Dentre as experiências realizadas com o QMágico, destacamos o apoio ao processo de alfabetização das crianças, a produção de roteiros temáticos, conceitos para realização de projetos, desenvolvimento de jogos e reflexões sobre trabalhos colaborativos. O uso da plataforma na rotina dos salões despertou o interesse e aumentou o rendimento dos alunos.

A EMEF Amorim Lima, também da cidade de São Paulo, passou a utilizar uma plataforma para atender a demanda dos estudantes, professores e coordenadores pedagógicos. Os roteiros ficam disponíveis para todos, facilitando a organização dos planos de estudo, permitindo que os professores tenham uma ampla visão dos ritmos de evolução de seu grupo e da aprendizagem de cada estudante.



## > Projeto de Vida

> Personalização

> Papel do Professor

> Recursos Tecnológicos

> Espaços Diferenciados

> Gestão Inovadora



# O estudante deve ter espaço e apoio para dedicar-se aos seus interesses e objetivos de vida



## > Conceito

Trabalhar com “projetos de vida” dentro da escola é um complemento importante à personalização do ensino. Uma vez que você já sabe quem são os seus jovens, agora é preciso descobrir aonde eles querem chegar, para ajudá-los e orientá-los nesse caminho.

Mas, atenção! Não se trata apenas de perguntar: o que você quer ser quando crescer?

Todo ser humano pensa sobre sua vida, suas escolhas e seus planos. O estudante, que tem um futuro inteiro pela frente, depois de sair da escola, está com a cabeça fervilhando de ideias e sonhos o tempo todo.

Por exemplo: você se lembra de tudo que se passava na sua cabeça, quando tinha a idade deles?

Agora, imagine essa avalanche de informações, dia pós dia, vindas da família, dos amigos, da escola, da comunidade, junto à gama de conteúdos da *internet*.

Há uma enorme carga de expectativas e ansiedades sendo depositada no jovem que, provavelmente, não terá como lidar sozinho com tantas cobranças. A transição entre a adolescência e a entrada na fase adulta pode trazer certa insegurança e confusão em relação aos próximos passos e as rotas a serem escolhidos. Muitas dúvidas dos jovens, nesse período, podem ser minimizadas a partir de planos pensados e colocados no papel.

Como já sabemos, os estudantes têm biografias muito distintas e, além de todas as informações que eles consomem diariamente, os rumos que suas vidas vão tomar são cada vez mais variados. Para muitas pessoas, pensar no futuro, fazer planos é algo natural. Organizar-se para sua realização, entretanto, normalmente é um grande desafio.

Enquanto, no passado, a escola buscava uniformidade de resultados para gerar operários capazes de participar da economia industrial, hoje em dia dependemos muito mais da pluralidade para melhorar um novo mercado e a qualidade de vida. No mundo atual, com o amplo crescimento do conhecimento humano, não é mais possível passar por todos os conteúdos importantes à vida escolar de um estudante.

O essencial é que ele aprenda a identificar o que precisa, num determinado momento, e como acessar aquela informação para avançar.

Quando personalizamos o ensino, a escola cria uma cultura de dar a oportunidade para que os estudantes possam se dedicar ao desenvolvimento dos próprios interesses, com o apoio e a orientação do professor, em busca do autoconhecimento e de metas pessoais.

Construir caminhos é construir o aqui e agora, ajudando os jovens a entender sua relação com tudo que os cerca, buscando soluções para as questões que os incomodam, neste momento, e incentivando-os a refletir sobre as consequências de suas opções.



## > Desafios

> Como professor, revisitar a trajetória de construção do seu projeto de vida

> Convencer-se de que:

> Não é preciso ter receio de se envolver demais com os estudantes. O afeto é parte integral de uma nova escola também

> O projeto de vida dos alunos vai muito além dos limites da escola e é importante para o desenvolvimento social, intelectual e econômico de toda a sociedade

> Você, professor, não tem de estar sozinho no trabalho de ajudar seus alunos a construir seus projetos de vida. Pode e deve articular

sua prática com outros atores educativos (pais, psicólogos, orientadores educacionais etc.). A inovação acontece de forma muito mais espontânea, quando temos pessoas com especializações e experiências diferentes trabalhando juntas

> É preciso ter **resiliência**. Pensar em desenvolver na rotina das aulas um momento de projeto de vida pode parecer complicado, mas tenha certeza de que as consequências serão positivas e gradativamente perceptíveis



## > Caminhos percorridos

# 1

## Trabalhar as competências do século XXI

Além das necessidades acadêmicas dos alunos, a escola deve estar focada no desenvolvimento integral de cada jovem, ajudando-o a progredir em diversas dimensões e, sempre que possível, a materializar seus sonhos.

Já deve ter ficado claro, mas é sempre bom enfatizar: dedicar-se ao projeto de vida dos estudantes também significa trabalhar com as competências para viver com sucesso neste século. Autonomia, estabilidade emocional, sociabilidade, capacidade de superar fracassos, curiosidade, perseverança... Estes são apenas alguns exemplos de valores que precisam ser abordados com os jovens.



## Exemplos de quem já faz

O Colégio Estadual Chico Anysio, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), possui uma proposta curricular inovadora para o ensino médio, em tempo integral, criada pelo Instituto Ayrton Senna. O objetivo é enfrentar os maiores desafios dessa fase escolar, como a evasão, causada por vários motivos, dentre eles a falta de atratividade da escola e a desconexão entre o currículo escolar, as competências necessárias para o trabalho, o convívio em sociedade e a continuidade dos estudos.

Para isso, a equipe do colégio foi capacitada com um curso de formação focado em metodologias integradoras, recebendo suporte técnico e pedagógico para o desenvolvimento de todos os aspectos necessários para uma educação alinhada com as necessidades da geração do século XXI.

Entre as abordagens inovadoras contempladas na proposta estão: a integração das áreas do conhecimento; o desenvolvimento do protagonismo juvenil e da autonomia do aluno, por meio de projetos interdisciplinares; projetos de vida e momentos de autogestão; equilíbrio entre o trabalho com competências acadêmicas (intelectuais) e as do século XXI; e utilização de tecnologias digitais.



## 2 Trabalhar por projetos

O projeto de vida está muito ligado à aprendizagem baseada em projetos, uma prática que detalhamos no capítulo “Personalização do ensino”. Ao realizar essas atividades, a escola contribui para mapear os interesses de cada aluno, ajudando-o a delinear seus principais anseios de vida e a encontrar meios para colocá-los em prática.

O professor mentor pode contribuir muito para isso, ao relacionar os objetivos dos projetos escolhidos pelos jovens a temas como: desenvolvimento pessoal, planejamento educacional, orientação para o sucesso acadêmico e planejamento da carreira.

>> O projeto de vida está muito relacionado à transformação social. O próprio trabalhar com aprendizagem baseada em projetos passa por pensar em projetos para melhora da vida deles, não apenas a construção de uma maquete, por exemplo. Quando conversamos com os professores sobre por que eles queriam mudar, eles falaram de como a escola tinha que ser um lugar onde as crianças são felizes agora. Se temos um projeto de vida, ele está relacionado ao presente e à melhoria da vida dele nesse momento. <<

Camila Zentner, coordenadora pedagógica da EPG Manuel Bandeira.

# 3 Focar na carreira profissional

Caso você comece a trabalhar o projeto de vida com estudantes mais velhos, a melhor alternativa é dar um foco maior à carreira profissional.

É importante buscar informações fora da escola, realizando feiras de profissões com palestrantes convidados, de diferentes áreas, para conversar com os alunos, esclarecendo dúvidas sobre o mercado de trabalho, desmistificando certos tabus e incentivando-os a pesquisar com mais propriedade as áreas de maior interesse.

Quanto mais gente participar desses encontros, melhor!



## Exemplos de quem já faz

O Sistema de Aprendizaje Tutorial traz inovação educacional para áreas rurais da Nicarágua. A metodologia tem grande foco em aprender fazendo, mesclando teoria e prática, com base em quatro pilares: matemática, ciências, linguagem e comunicação e serviço à comunidade, vinculados a práticas agrícolas, de liderança e empreendedorismo.

Os professores atuam como tutores, promovendo a interdisciplinaridade entre o currículo escolar e a realidade do campo. As aulas acontecem em variados locais, de salas de aula a espaços públicos e até mesmo na casa dos alunos.

Existe uma preocupação de que os alunos, além de estudar, realizem estágios, identifiquem oportunidades econômicas em suas comunidades, criem planos de negócio, chegando até a vender sua produção a mercados e compradores.

Muitos focam, por exemplo, no cultivo de plantações sustentáveis ou na criação de animais. Eles organizam feiras com seus produtos e toda a gestão é feita por cooperativas criadas pelos próprios alunos. Além da agricultura, eles também oferecem serviços como limpeza, pequenos consertos e campanhas de saúde. Isso tudo para que o jovem se torne, de fato, um vetor de transformação da comunidade onde mora.



## 4 Focar na melhoria da vida presente

A escola pode se organizar para que, a cada novo conhecimento adquirido, crie-se um em que os estudantes reflitam sobre como aquele conteúdo pode ajudá-los em suas trajetórias pessoais. Além de dar uma oportunidade para que pensem sobre suas vidas, essas reflexões também motivam a participação mais ativa durante cada aprendizado!



### Exemplos de quem já faz

Na School 21, de Londres, Inglaterra, os estudantes usaram o momento em que habitualmente trabalham em projetos para elaborar melhorias à sua vida presente, desenhando uma sala de aula para o novo prédio da escola, de acordo com o que eles entendiam como um bom espaço para estudos.

# 5 Reflexão continuada

Trazer para a rotina da escola esse tipo de abordagem, a princípio, pode gerar alguma insegurança ou intranquilidade. Mas é só no começo. Com o tempo, as ações vão tomando o rumo adequado para a sua realidade. É preciso ter flexibilidade e, muitas vezes, deixar o estudante escolher, inclusive, o que ele quer estudar, analisando a utilidade daquilo para o seu projeto de vida. Para muitos educadores é difícil abrir mão de conteúdos que consideram importantes e que sempre ensinaram.

Primeiramente, precisamos fazer uma reflexão sobre a vida dos estudantes. Para isso, é necessário entender o contexto em que eles se encontram e conversar com outros professores sobre essa preocupação.

Afinal, o jovem não é mais um depósito de conteúdo, mas um ser pulsante com anseios, sonhos, relações e sentimentos. Um estudante feliz, e que conhece a si mesmo, saberá contar com a ajuda do professor para planejar a sua vida, agora ou futura.

# 6 Flexibilidade com os conteúdos

# 7

## Flexibilidade com o tempo

Você pode refletir sobre o tempo gasto dentro da escola, já que investir no projeto de vida dos alunos, certamente, vai alterar seu planejamento escolar. Fique atento à grade horária e procure agendar esse tempo com outros professores, de modo que consigam otimizá-lo e, juntos, atender um número maior de estudantes. Para isso, você pode pensar em duas opções: definir um momento em cada semana ou momentos em matérias diferentes para o aluno refletir de que forma o conteúdo estudado impacta o seu projeto de vida.

>> Nesse horário, focávamos nos sonhos que eles traziam e trabalhávamos juntos que caminhos eles poderiam percorrer para realizá-los, desde que disciplinas eles deveriam focar até mesmo que escola de ensino médio seria mais interessante para eles, depois de saírem do GEC. <<

Marly Cardoso, ex-diretora do GEC Epitácio Pessoa.



### Ideia!

Tente separar um momento para conversar com os estudantes sobre suas vidas, dentro e fora da escola. De forma bem descontraída, procure identificar os principais sonhos e dificuldades de cada um. Crie um diário em que você registre tudo isso, principalmente os pontos de atenção, para que possa pedir ajuda a outros professores ou profissionais, quando necessário. É importante o estudante sentir que você está lá para ajudá-lo!

>> Muitas situações eram resolvidas no momento de projeto de vida e os resultados eram sentidos durante as aulas. Os estudantes criavam elos muito importantes entre eles, se ajudando e progredindo juntos. O formato do momento foi mudando com o tempo. Hoje, por exemplo, sei que eles utilizam diários. Trabalhar o projeto de vida não tem receita. Cada grupo vai criando a sua forma de construir esse momento. <<

Ângela Calmon, ex-coordenadora pedagógica do GEC Anísio Teixeira.

# 8

## Flexibilidade no uso dos espaços e formatos

# 9

## Flexibilidade com a escolha dos estudantes

O projeto de vida de um indivíduo pode mudar de várias formas, diante de novos desafios e oportunidades. Ou seja, precisamos compreender que até o próprio estudante pode mudar o seu projeto de vida, o que não é nenhum problema. Por isso, é importante garantir que ele tenha acesso a uma gama de conhecimentos diversificados para, quem sabe, acabar descobrindo outras afinidades até então ocultas.

Uma alternativa é sair da sala de aula para colocar os projetos em prática, sempre que possível. Leve os estudantes para outro ambiente, mais neutro e acolhedor, onde não estejam sentados em carteiras. Isso ajuda a desvincular aquele momento de uma aula comum, deixando os alunos mais descontraídos e abertos ao diálogo.

>> Quando você mexe com o emocional do estudante, você começa a descobrir muitas coisas diferentes do que você tinha naquela sala, onde estava todo mundo sentadinho, um atrás do outro, né? <<

Ângela Calmon, ex-coordenadora pedagógica do GEC Anísio Teixeira.



### Exemplos de quem já faz

Não há um formato fechado para se trabalhar com projetos de vida. Na Índia, um projeto conhecido como “Vovós nas Nuvens” conta com a ajuda de idosas que trabalham como mediadoras, conversando remotamente com os estudantes sobre temas relevantes para eles, dando inclusive conselhos, além de ler histórias ou contar um pouco sobre seu país de origem, que tem uma realidade tão diferente da Índia, a Grã-Bretanha. O momento ultrapassa os limites da sua localidade e vai muito além, por meio da *internet*, já que os envolvidos estão a muitos quilômetros de distância uns dos outros.

# 10 Entender bem a localidade

Não podemos ignorar que a localidade da escola, muitas vezes, pode ter grande influência nos anseios e referências desses estudantes. Em alguns casos, percebemos que o fator familiar tem peso considerável nessas escolhas, e não há nada de errado nisso.

O importante é que, independentemente de sua aptidão, cada estudante possa acessar oportunidades variadas, que se desdobrem a partir desses interesses, conhecendo também outras áreas de atuação.

>> Muitos projetos (aprendizagem baseada em projetos) saem na linha da agricultura, a questão de criação dos animais e outros assuntos relacionados ao campo, muito próximos à realidade das famílias deles. Não são todos os estudantes que se interessam por essas questões, mas são muitos. <<

Rosa Maria Stalivieri, diretora da escola EMEF Zeferino Lopes de Castro, sobre a realidade rural da escola e dos temas relacionados a ela.



## Ideia!

Se você trabalha numa escola de contexto rural, procure identificar quais são as referências que os estudantes possuem sobre o trabalho no campo e mostre o leque de caminhos que podem ser percorridos, a partir do interesse de cada um. Organize oficinas temáticas, convide os familiares e incentive a troca de conhecimentos. Pode ser bastante inspirador!

O projeto de vida não acontece só na escola. Por isso, é importante envolver, de alguma forma, a família dos estudantes. Provavelmente, alguns pais ou responsáveis sequer conversem com os jovens a respeito. Então, é preciso estimular o diálogo.

Ao final de cada momento, pense em alguma atividade extraclasse que incentive essa aproximação. Uma boa ideia para saber como está avançando o apoio dos pais é criar um diário, em que o jovem relate suas impressões sobre como a família reage aos seus anseios.

Eles incentivam? Reprovam? Tentam mudar suas ideias ou ajudam a encontrar a melhor forma de seguir adiante?



## Envolver a família do estudante

>> Tem um grupo de pais voluntários que trabalham para preparar os estudantes para fazer o exame da escola técnica. O que eu vejo é que as crianças começam a pensar em seus projetos de vida. O que elas querem da vida, o que elas querem estudar, o que elas não querem. As crianças saem com vontade de aprender quando sentem prazer nisso. Temos um grupo de estudantes que adora as aulas de grego e latim, por exemplo. <<

Ana Elisa, diretora da EMEF Amorim Lima, sobre o envolvimento familiar e as escolhas dos alunos.



## Exemplos de quem já faz

O foco do Student Bank Project, da Tailândia, é o ensino teórico e prático sobre finanças e economia. Os alunos possuem cargos administrativos como gerente financeiro ou contador, iguais aos de um banco convencional.

O principal objetivo é que eles tenham consciência financeira e capacidade de gerir seus recursos para toda a vida. Os pais dos alunos são convidados a ser clientes dos bancos, especialmente os que pertencem a famílias indígenas ou que são expatriados, com dificuldade de abrir contas em bancos tradicionais. O banco da escola Wat Kod Tin Taram, no leste do país, obteve US\$ 50 mil em poupança, por um período de dois anos, com o suporte dado pelo projeto.



## Ideia!

Você pode pedir ao jovem que faça um gráfico, por exemplo, com seus principais objetivos e como os pais ou responsáveis podem ajudá-lo a seguir pelos diversos caminhos. É importante que nele estejam os maiores facilitadores e também as principais barreiras. O gráfico pode ser melhorado e ampliado a cada mês, de modo que você ajude o estudante a colocar em prática o seu projeto de vida.





## > Passo a passo

### > 1º Passo – Reflexão

Faça uma reflexão sobre a vida dos estudantes. Entenda o contexto em que eles se encontram e promova conversas com outros professores sobre essa preocupação para que, juntos, possam identificar os interesses dos alunos.

### > 2º Passo – Roda de conversa

Organize uma roda de conversa com os alunos, colocando as seguintes questões:

- Quem eu sou?
- Como eu penso?
- O que faço com facilidade?
- O que tenho dificuldade para fazer?
- O que eu gostaria de saber fazer?
- Como eu gostaria de ser?
- O que eu quero para a minha vida?

### > 3º Passo – Compartilhamento

Para disseminar o progresso desse trabalho, converse com os estudantes e discuta qual a melhor forma de compartilhar o que foi discutido: seja em um *blog*, em um grupo no *WhatsApp*, numa página no *Facebook* ou até mesmo em um evento, com a participação da família, da comunidade e de outras escolas, que podem seguir o exemplo, fazendo o mesmo.

### > 4º Passo – Discussões

Periodicamente, realize novas rodadas de discussões, refinando os interesses apresentados pelos alunos com questões mais complexas:

- O que eu quero?
- Quais são as atividades necessárias para desenvolver meu potencial e atingir meus objetivos?
- Quais seriam as atividades/cursos/oportunidades que me ajudariam nesse percurso?
- Devo me preparar e me submeter a algum exame específico?
- Estou preparado?
- Como posso ser ajudado?
- Qual estratégia pode me preparar para alcançar meu objetivo?

➤ **5º Passo – Tempo**  
Refleta sobre o tempo que é dedicado para as atividades extraclasse, em que a interação entre professor e aluno não seja sobre uma matéria específica. Incentive os demais professores a fazerem o mesmo.

➤ **6º Passo – Ambiente**  
Tente sair da sala de aula para colocar esse projeto em prática, sempre que possível. É interessante levar os estudantes para outro ambiente, mais neutro e acolhedor, onde não estejam sentados em carteiras.

➤ **7º Passo – Diálogo**  
Os estudantes podem escolher trabalhar em temas que fujam bastante do currículo tradicional. Nesse caso, é preciso administrar quanto tempo essa atividade deve tomar. Não ser que a produtividade das aulas aumente, alguns conteúdos terão que ser trabalhados de outra forma. Então, fique sempre atento e lembre-se de que o diálogo com os demais atores da escola é essencial em todo o processo.

➤ **8º Passo – Família**  
Nunca se esqueça de estimular a interação entre a escola e a família dos estudantes. Se todos estiverem alinhados, maior será a chance de desenvolver um projeto de vida para esses jovens.

➤ **9º Passo – Disciplinas eletivas**  
Contribua para o delineamento das disciplinas eletivas a serem oferecidas pela escola, de forma que respondam aos interesses dos alunos.



# Papel do Professor



# O professor é uma das inúmeras fontes de conhecimento dos alunos. Seu papel precisa ser repensado



## > Conceito

Pode até parecer redundante, mas é sempre bom reforçar que o professor é peça-chave para impulsionar qualquer tipo de mudança em busca de uma educação de qualidade. Grandes transformações e inovações no ensino são frutos da paixão desse profissional pelo processo de aprendizagem.

Durante décadas, o professor tinha a função de passar conhecimentos para o estudante. Por causa do acesso à informação ser bem restrito, era preciso consultar especialistas ou ir à biblioteca para pesquisar nos livros a maioria dos temas, o que, além de pouco prático, demandava tempo do jovem que estava ingressando no mercado de trabalho.

O estudante apto a se tornar um bom trabalhador era aquele com uma ampla bagagem de conhecimento sobre uma determinada área. Alguém que não precisasse “gastar” tempo buscando novos aprendizados, tendo guardado o máximo de conteúdo possível durante sua formação, concentrando-se apenas em produzir.

Como na economia funcionava assim, eram consideradas as melhores escolas aquelas que depositavam a maior quantidade de conhecimento na cabeça dos alunos. Conseqüentemente, os melhores professores eram aqueles capazes de fazer isso acontecer.

No século XXI, essa dinâmica mudou. O professor é uma das muitas fontes de conhecimento dos estudantes e, assim, seu papel precisa ser repensado. Todo o conhecimento da humanidade, todos os fatos, notícias e descobertas são acessíveis, instantaneamente, para qualquer pessoa que souber utilizar minimamente a *internet*.

Ter muito conhecimento não é mais a grande vantagem para os jovens que estão de olho no mercado de trabalho, porque qualquer fato que ele não saiba pode ser pesquisado, com alguns *clicks* ou em uma conversa com um especialista, por meio de um *chat*, mesmo a distância.

Além disso, o atual conceito da educação é muito mais amplo. Não queremos só formar trabalhadores, queremos pensar no jovem como cidadão, com um pensamento crítico, analítico e solidário, capaz de transformar a si mesmo, sua realidade e a de seu entorno.

Nesse sentido, o verdadeiro “pulo do gato” do professor é “mergulhar” na cabeça do estudante. Isso pode acontecer de diversas formas, como vamos mostrar nas próximas páginas.

>> Nós estamos em transformação. É absurdo pensar que nós é que estamos prontos e os estudantes não. É a negação da vida. Nós nunca estamos e nunca estaremos prontos. Se o objetivo da escola não for a transformação, que sentido tem a escola? <<

Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles.



## > Desafios

O novo papel do professor traz desafios novos também:

- > Compreender que o professor não é a mais importante nem a única fonte da informação para os estudantes. Ele deixa de ser o centro da aprendizagem, fornecedor de conteúdos e único detentor de todos os saberes, para tornar-se fundamental na facilitação do processo de aprendizagem do aluno
- > Entender esse novo conceito. Como a informação hoje é abundante e rápida, o professor passa a ser o grande responsável por criar situações em que os alunos possam desenvolver as competências necessárias para localizar, analisar e juntar essas informações, refletindo e melhorando os seus processos, tornando-se aptos a interagir com respeito e intencionalidade, para se comunicar e trabalhar com outras pessoas. Sim, isso mexe muito com o conceito que temos do professor
- > Perceber que, com a crescente tendência de protagonismo e autonomia dos jovens, o professor passou a compartilhar com os estudantes o processo de aprendizagem, numa relação menos hierárquica e mais colaborativa
- > Aproximar-se do aluno e entender melhor a sua realidade, seus interesses e anseios
- > Olhar para as tecnologias como aliadas poderosas nesse novo papel – professor do século XXI, professor “digital”
- > Ter bem claros os conhecimentos que os professores da era digital precisam dominar. O professor saiu do papel de único detentor de conteúdo, graças ao acesso a todo tipo de informação que a tecnologia, diariamente utilizada pelos jovens, traz. Transformar a experiência educacional exige novas metodologias de ensino para dar conta dessas demandas. Não se trata mais de deter o conhecimento em tecnologia, conteúdo ou metodologia, mas, sim, de uma combinação de tudo isso, que deve ser explorado de acordo com a necessidade de cada professor
- > Aprender a fazer boas perguntas, desafiadoras e instigantes



## > Caminhos percorridos

# 1

## Novos papéis, novos nomes

Os papéis assumidos pelo professor estão sendo constantemente ressignificados e reconstruídos. Ao integrar as novidades tecnológicas à sala de aula, ele deixa de ser o “donodo saber” e se transforma num agente da transformação. Algumas escolas, referências em inovação, têm denominações e funções diferentes para o professor:

- > **Professor polivalente** – É aquele que trabalha de forma interdisciplinar, ou seja, não leciona uma matéria específica, mas transita por várias delas. Esse professor faz combinações estratégicas dos conteúdos curriculares, mesclando atividades de matemática com artes ou língua portuguesa com história, por exemplo
- > **Mentor ou tutor** – O papel desse professor é contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos e pensar nas mais diversas facetas de cada estudante, vivenciando a educação no seu sentido mais amplo e dando uma atenção especial a escolhas que ele fará em seu caminho de aprendizagem, o que ajuda bastante na construção do projeto de vida de cada jovem
- > **Orientador** – Ele tem uma função muito mais interativa e dinâmica, colaborando com a aprendizagem daquilo que os estudantes demonstram ter mais interesse, como nos momentos da aprendizagem baseada em projetos. Esse professor incentiva o aluno a resolver problemas da vida real, dando sentido ao conteúdo teórico aprendido



## Lembrete

É importante ter em mente que você não precisa se encaixar em uma única denominação, já que todos esses papéis são complementares. Numa mesma classe, você pode trabalhar com diferentes aspectos, de acordo com a necessidade de cada grupo de alunos

# 2

## Formação continuada

No cenário atual da educação, é fato que o professor precisa estar bem preparado para lidar com um jovem, cuja vida é mediada pela tecnologia. Se a formação inicial do educador o levou a um tipo de conteúdo e abordagem diferentes das necessidades da escola e dos alunos de hoje, surge um conflito interno que coloca o professor numa situação desconfortável, deixando-o, muitas vezes, vulnerável.

Por isso, é preciso haver um alinhamento bem estruturado entre a coordenação pedagógica e os professores, em que todos concordem com o caminho a ser trilhado, para não deixar que esse tipo de ruído atrapalhe o processo de transformação. Nesse sentido, o educador que está sempre em busca de uma formação contínua, bem como o desenvolvimento de suas competências, tende a ampliar o seu campo de trabalho.

>> Para os adultos, é muito mais difícil aprender. Eles têm as aprendizagens anteriores muito mais sedimentadas. Para encarar o desafio de uma escola inovadora, você tem que estar disposto. << **Cristina Silveira, coordenadora pedagógica da EMEF Zeferino Lopes de Castro.**

>> Formar é tentar colocar numa forma, então não gosto dessa palavra. A palavra é transformar. << **Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles.**



## Ideia!

Além de contar com sua equipe, pesquise também outras opções de formação continuada que estejam ao seu alcance e incentive outros professores a fazerem o mesmo. Você pode dar o pontapé inicial, conferindo os cursos gratuitos e *on-line* da Fundação Telefônica, no portal Escolas Conectadas ([www.escolasconectadas.org.br](http://www.escolasconectadas.org.br)). Outra opção é a Escola Digital ([www.escoladigital.org.br](http://www.escoladigital.org.br)), uma plataforma inteiramente gratuita que possui ampla possibilidade de customização.



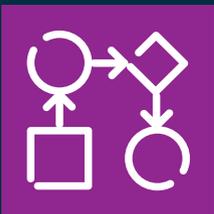
## Exemplos de quem já faz

Na Northern Beaches Christian School, localizada na Austrália, existe um hábito que é incessantemente disseminado por toda a escola: com certa frequência, todos os funcionários participam de cursos de aprendizagem profissional que são facilitados, preferencialmente, por outros funcionários.

Professores que estão interessados em uma nova prática profissional são apoiados pela equipe a pesquisar, testar e desenvolver o método para si e, em seguida, incentivar os demais a fazerem o mesmo.

O governo federal tem também uma série de iniciativas de formação continuada na área de educação, principalmente para professores do ensino fundamental e do ensino médio. Conheça as principais:

- **Procampo** – O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo) oferece cursos superiores de licenciatura, voltados para professores dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio nas escolas públicas rurais. O processo de inscrição é feito nos institutos de educação participantes. Saiba mais no *site*: <http://portal.mec.gov.br/tv-mec>
- **Parfor** – O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor) oferece cursos gratuitos de licenciatura, segunda licenciatura e formação pedagógica. Saiba mais no *site*: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>
- **UAB** – A Universidade Aberta do Brasil (UAB) tem cursos a distância gratuitos para qualificação de professores. Saiba mais no *site*: <http://uab.capes.gov.br/>



## > Passo a passo

### > 1º Passo – Integração

Você não vai mais atuar sozinho e precisa buscar a integração das disciplinas dos estudantes, dos contextos e do aprendizado. Para isso, trabalhe com todos os agentes da escola e fora dela. Estudantes, familiares e colegas profissionais serão seus parceiros de cocriação, conectados a questões contemporâneas, permeáveis aos recursos da comunidade e do mundo.

### > 2º Passo – Engajamento

Como o seu trabalho depende dos demais atores do processo de aprendizagem, é essencial que você crie mecanismos para engajar todos.

### > 3º Passo – Personalização

Para ter consciência dos diferentes estilos de aprendizagem presentes em uma única sala de aula, valorizan-

do o grupo e respeitando o ritmo de cada estudante, analise quem é a sua turma. Em cada momento, procure entrar em contato com essas diferenças tão ricas.

### > 4º Passo – Decisões curriculares

Para definir temas e objetivos de cada momento, revise o projeto da escola, mantendo-os integrados, e procure alinhá-los ao trabalho dos outros professores.

### > 5º Passo – Decisões pedagógicas

Faça uso do planejamento colaborativo das atividades para chegar a três definições: qual será o produto final, quais estratégias vai utilizar na mediação pedagógica e quais os processos de avaliação irá adotar.

### > 6º Passo – Formação continuada

Como o estudante, o professor também se coloca no papel de quem aprende. Por isso, é interessante que trate de suas dificuldades, curiosidades e vontade de crescer, buscando outras fontes de aprendizagem que acredite ser importantes e válidas para sua demanda. Cursos presenciais ou a distância são bem-vindos, além de processos de tutoria e treinamento.

# 3 Aprender a lidar com a insegurança

Quando o professor se depara com possíveis deficiências de sua formação, certa insegurança começa a fazer parte do seu dia a dia. Nesse caso, procure o apoio do coordenador pedagógico de sua escola, que poderá orientá-lo de uma forma mais local e contextualizada, apoiando-o na criação de projetos, **portfólio** dos estudantes e criação de diários de acompanhamento. Talvez você ainda se sinta meio inseguro em determinados momentos, mesmo com esse apoio, mas com a busca por uma prática mais focada no objetivo final da educação, com certeza você irá ajudar os estudantes a aprenderem.

>> Eu tenho medo todo dia (risos). A insegurança é bacana também. Quando ficamos seguros demais, ficamos muito arrogantes. <<

Eder do Carmo, professor da EMEF Campos Salles.

# 4 Reflexão sobre a prática profissional

Por muito tempo, questões hierárquicas colocaram o professor num patamar muito distante dos alunos, restringindo sua relação ao período que passavam em sala de aula. As coisas mudaram e, hoje, esse olhar também se transformou consideravelmente. Agora, a escola incentiva o professor a estar cada vez mais próximo dos estudantes. Refletir sobre esse novo papel e as formas de criar essa aproximação fazem parte de seu trabalho.

>> Cada vez que um determinado professor entrava na sala de aula antes, ele tinha um tipo de escola na cabeça dele, uma concepção de sala, uma concepção de aula, uma concepção de estudante e uma concepção de função da escola, então daí nascia uma relação de poder: 'Eu é quem mando aqui'. Não era uma posição horizontal, era hierárquica. <<

Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles.

>> Aqui existe uma quebra de paradigmas. O estudante aqui acha normal a gente pedir a ajuda deles. Eu costumo pedir ajuda para os estudantes maiores direto. <<

Cristiane, professora da EMEF Zeferino Lopes de Castro.

Uma das ferramentas mais poderosas do professor é o diálogo aberto e objetivo, não só com os alunos, mas com todos os profissionais da escola. Estar disposto a ouvir esses jovens e seus pares, ficar atento aos sinais que eles emitem e conseguir extrair o melhor dessas interações são fatores importantes para que você possa refletir sobre a sua prática profissional e como andam as suas concepções sobre tudo que envolve a escola.



### Ideia!

Faça uma autoanálise sobre sua prática diária, criando uma lista de tudo o que você gostaria de melhorar e também do que você faz muito bem. Busque o apoio de seus colegas, organizando equipes e grupos de discussão, em que um pode ajudar o outro assistindo a suas aulas, fazendo críticas e aprendendo juntos.

>> O professor é tradicionalmente o lugar do saber, o lugar do poder, muitos lugares que ele tem na prática dele, mas todos ligados ao poder. Quando você coloca ele trabalhando horizontalmente, é muito difícil de início, porque ele fica muito exposto. Exposto pelos estudantes, pelos pais, exposto pela comunidade. <<

Ana Elisa, diretora da EMEF Amorim Lima.

>> O professor exigia o respeito, se o estudante falava alguma coisa era: 'Não, agora EU estou falando'. Nem se permitia que o estudante tivesse muita opinião, porque o professor estava muito focado no que queria dizer, no que queria cobrar, ou queria passar. Hoje eu me sinto fora desse pedestal, mais próxima deles. Mudou minha visão completamente. <<

Simone, professora da EMEF Zeferino Lopes de Castro.



## Exemplos de quem já faz

Um exemplo de horizontalização do trabalho do professor, aproximando-o do estudante, acontece nas Escuelas Experimentales, uma rede de escolas públicas democráticas na Argentina em que a metodologia de ensino do currículo nacional é aplicada usando as artes. As aulas acontecem em rodas de discussão de, no máximo, 15 alunos.

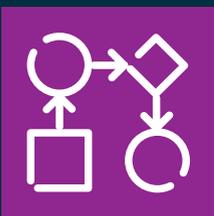
O professor pode, por exemplo, tratar o contexto histórico de um artista ou de seu quadro em uma aula de pintura. Música, poesia e dança são utilizadas pelos educadores para abordar as tradições locais. Os professores acompanham o desenvolvimento do aprendizado de seus alunos, além de especificidades como visão, audição e alimentação. Não existem provas. As avaliações ocorrem por meio das produções elaboradas nas próprias aulas.

Ao final do dia, os professores se reúnem por duas horas para falar sobre o trabalho desenvolvido e fazer o planejamento do dia seguinte. As decisões são tomadas levando em consideração a opinião de todos.



>> Eu simplesmente falava, passava a matéria no quadro, explicava e pronto: 'Entenderam?'. E acabou ali. Hoje eu estou preocupada em sentar com o estudante e falar de forma que ele entenda, quero mergulhar na cabeça dele. <<

Claudia, professora da EMEF Zeferino Lopes de Castro.



## > Passo a passo

### > 1º Passo – Invertendo papéis

Uma boa forma de se aproximar dos alunos e, ao mesmo tempo, refletir sobre sua prática profissional, pode acontecer com uma simples inversão de papéis. Saber como eles enxergam o seu trabalho pode ser um grande incentivo para fazer uma sintonia fina em suas técnicas de ensino.

### > 2º Passo – Desafio

Peça aos estudantes que o desafiem. O ideal é que eles organizem um tipo de gincana em que podem testar seus conhecimentos gerais sobre a escola e a comunidade, e também o conteúdo pedagógico.

Para tornar a atividade mais competitiva, separe-os em dois ou três grupos e sugira que escolham um líder para cada um. Esse é um ótimo momento para estimular o engajamento e a noção de responsabilidade.

Uma orientação importante é que, além das perguntas, eles também devem redigir as possíveis respostas, para que você possa ter uma noção de como cada grupo realizou suas respectivas pesquisas para a elaboração das questões e qual o nível de organização de cada um.

Incentive-os a ousar nas perguntas e questionamentos, sem receio de serem repreendidos. O importante é que eles tenham a chance de perceber que também podem ensinar!

Nessa gincana, o objetivo é estimular a interação entre os alunos e o professor, então todos ganham. Os alunos aprendem de uma forma mais descontraída e divertida, enquanto você ganha insumos para refletir sobre o trabalho que desempenha com esses jovens.

# 5 Família: outro foco do professor

O professor tem um importante papel na integração entre a escola e as famílias dos estudantes, uma vez que ele contribui para que os jovens tenham uma perspectiva mais positiva na construção de uma vida melhor, de cidadãos produtivos e autônomos.

Realizar reuniões periódicas, para que as famílias estejam constantemente informadas sobre os progressos e anseios dos alunos, pode ser o primeiro passo para os responsáveis se sentirem mais à vontade e, conseqüentemente, participar ativamente do cotidiano escolar.



## Ideia!

Essa aproximação, certamente, deve acontecer de forma gradual e espontânea. Por isso, não desanime se não houver o retorno esperado nas primeiras convocações. Você precisa ter em mente que, para muitos pais, pode ser difícil comparecer a reuniões com a frequência necessária. Então, tente criar grupos do *WhatsApp* ou até mesmo de *e-mails*, para deixá-los atualizados de todas as novidades.



## Exemplos de quem já faz

Na Escola da Ponte, em Portugal, os contatos com as famílias dos estudantes são feitos pelo professor tutor, que acompanha, orienta e avalia diariamente as atividades realizadas pelos jovens. Funciona assim: a escola oferece atividades de fortalecimento do currículo àqueles que necessitem que os seus filhos tenham um acompanhamento, e fica a cargo desse professor traçar o melhor caminho para solucionar as dificuldades desses alunos.

A organização da Escola da Ponte inspira uma filosofia inclusiva e cooperativa que, simplificando bastante, pode ser resumida assim: “todos precisamos aprender e todos podemos aprender uns com os outros. E quem aprende, aprende a seu modo no exercício da cidadania.”



## > Recursos Tecnológicos

> Espaços Diferenciados

> Postura para a

# A tecnologia já é parte da realidade dos alunos. Nosso papel é trazê-la como aliada e ferramenta para a aprendizagem



## > Conceito

O uso de novas tecnologias educacionais é uma realidade em muitas escolas. *Smartphones*, *tablets* e computadores fazem parte do cotidiano dos estudantes e, mesmo em contextos desprovidos de recursos, podemos observar uma importância cada vez mais significativa desses aparelhos. Como essas novidades fazem tanto sucesso entre os jovens do século XXI, a introdução das mídias digitais em sala de aula torna-se mais que bem-vinda: é uma receita de sucesso!

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão inseridas na maioria das atividades realizadas atualmente, tornando-se ferramentas riquíssimas e facilitadoras para a educação. No mundo globalizado, cada vez mais competitivo, terá uma grande vantagem aquele que souber onde buscar o conhecimento, em vez de ser um mero consumidor de informações repassadas pelos outros.

Vale frisar que a tecnologia sozinha não basta. A inovação está na forma que a utilizamos e a integramos ao nosso dia a dia.

Para desenvolver competências do século XXI precisamos, também, trabalhar conjuntamente:

- **Formas de pensar:** criatividade, pensamento crítico, resolução de problemas, tomada de decisão e aprendizagem
- **Formas de trabalhar:** comunicação e colaboração
- **Ferramentas de trabalho:** tecnologias de informação e da comunicação, múltiplos letramentos (tecnológico e informacional)
- **Competências para viver no mundo:** cidadania, vida e carreira, responsabilidade pessoal e social



## ➤ Desafios

- Saber exatamente para que adotar a tecnologia na escola: um dos motivos de usá-la com fins pedagógicos é a necessidade de nos aproximarmos da realidade dos estudantes. Eles vivem rodeados de tecnologia. Imagine o quão enriquecedor pode se tornar o seu momento escolar com a inserção das ferramentas que os alunos já utilizam para ter acesso à informação, diariamente, permitindo uma metodologia de aprendizagem que seja contemporânea e relevante aos jovens?
- Ter clareza de que a simples disponibilização de mais recursos tecnológicos não é uma solução em si: não adianta ter o modelo mais avançado de um computador se você não souber como aproveitar ao máximo suas funcionalidades. Por isso, é necessário ter um projeto pedagógico claro, norteando a utilização desses recursos, senão acaba-se fazendo a mesma coisa de sempre, apenas com ferramentas diferentes
- Saber exatamente o que você quer que seus alunos sejam ou aprendam quando propõe o uso de recursos digitais. Tendo em vista que a tecnologia é uma ferramenta, não um resultado de aprendizagem, o esperado é que eles sejam autores, contem histórias, dominem linguagens, conduzam mudanças, resolvam problemas, sejam críticos e se comuniquem

É muito importante saber exatamente o que você quer que seus alunos façam quando você propõe o uso de recursos digitais. Na era analógica, isso estava bem claro. Na era digital, essas certezas mudaram um pouquinho... Ou muito!

 Era analógica		 Era digital	 Âmbito da comunicação
Desenhar, construir, planejar, produzir, idealizar, traçar, elaborar	> Criar >	Filmar, animar, fotografar, gravar em áudio, <b>blogar</b> , <b>mixar</b> , remixar, participar de um <b>wiki</b> , publicar, dirigir (vídeo, <b>podcast</b> ), <b>HQ</b>	Colaborar Moderar Negociar Debater Comentar Reunir-se na rede Realizar videoconferência Revisar Perguntar Questionar Contestar Publicar Participar em redes Contribuir <b>Chatear</b> Comunicar-se por <i>e-mail</i> Comunicar-se por <b>mensagens instantâneas</b> Escrever textos
Revisar, formular hipóteses, criticar, experimentar, julgar, provar, detectar, monitorar	> Avaliar >	Comentar em um <b>blog</b> , publicar, moderar, colaborar, participar de redes, reelaborar, provar	
Comparar, organizar, desconstruir, atribuir, delinear, encontrar, estruturar, integrar	> Analisar >	Encontrar, compilar, selecionar, comparar, recombinar, organizar, desconstruir informações	
Implementar, desempenhar, usar, executar	> Aplicar >	Subir, compartilhar, editar arquivos	
Interpretar, resumir, inferir, parafrasear, classificar, comparar, explicar, exemplificar	> Compreender >	Fazer buscas avançadas, buscas <b>booleanas</b> , blogar (formato jornalismo), categorizar, etiquetar, comentar, anotar, inscrever	
Reconhecer, listar, escrever, identificar, recuperar, denominar, localizar, encontrar	> Lembrar >	Marcar conteúdos ( <b>bookmarking</b> , favoritar), listar, <b>glossar</b> , reunir conteúdos, criar bibliotecas	



## > Caminhos percorridos

# 1

## Debate

O debate em torno do uso de tecnologias, seja no contexto que for, precisa ter seu tempo e seu espaço. Qualquer tipo de decisão deve passar por muitas conversas e considerações, envolvendo o maior número possível de atores, como direção, coordenação pedagógica, corpo docente e, principalmente, representantes da classe estudantil, a principal interessada.

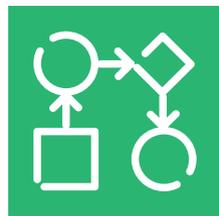
A maioria dos jovens já tem acesso a computadores, *tablets* e *smartphones*. De uma forma ou de outra, é preciso levar essa realidade em consideração, quando o assunto estiver em pauta.

Não adianta simplesmente decidir se os estudantes poderão ou não usar seus aparelhos celulares dentro da escola, por exemplo. A discussão deve ir muito além, elencando os prós e os contras, minuciosamente embasados por artigos de especialistas e até mesmo por pesquisas científicas.

>> Hoje, estamos discutindo o uso dos celulares dentro dos salões pelos estudantes. Vamos abordar, por exemplo, a relação das pessoas com a *internet*, que hoje já pode ser encarada como uma relação de vício, reconhecido pela medicina. De que forma ela pode nos prejudicar e prejudicar as relações humanas que estão se tornando cada vez mais individualistas com uma diminuição das relações presenciais, do olho no olho? Precisamos refletir sobre isso. <<

Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles.

# 2 Internet



## > Passo a passo

A *internet* maximiza o acesso a conteúdos dinâmicos. Por exemplo: os estudantes podem explorar a coleção do *British Museum on-line* nas aulas de arte e história, assistir ao lançamento de um foguete da NASA nas aulas de exatas ou fazer **Skype** com alunos de outros países nas aulas de línguas.

Para fazer bom uso das oportunidades da *internet*, a orientação do professor é imprescindível, uma vez que ele pode mostrar ao estudante as formas mais seguras, práticas e eficientes de navegar pelos inesgotáveis espaços *on-line*, para que esse jovem encontre o que precisa, analise o que é relevante, reconheça o que é confiável e aja de forma ética em ambientes digitais (e físicos, também).

- > **1º Passo – Planejamento**  
É preciso promover o uso seguro da *internet* em sua escola. Para isso, reúna-se com os demais professores e desenvolva uma lista de conselhos a serem seguidos e de comportamentos inadequados, nos ambientes *on-line*.
- > **2º Passo – Praticando**  
Organize oficinas para colocar em prática o plano desenvolvido no passo anterior, incentivando o respeito mútuo e a promoção de uma educação digital com responsabilidade e segurança. Você pode sugerir a criação de campanhas, vídeos, *blogs* ou grupos de discussão.
- > **3º Passo – Pesquisas**  
Divida os estudantes em grupos. Peça a eles que façam uma pesquisa na *internet*, sobre o assunto que achar mais apropriado, usando três fontes diferentes. Em seguida, sugira que desenvolvam uma análise crítica sobre as diferenças encontradas, apontando qual é a fonte mais confiável, com suas respectivas justificativas. Desafie-se e faça a mesma atividade, enquanto a turma realiza a tarefa. Será interessante comparar os resultados.

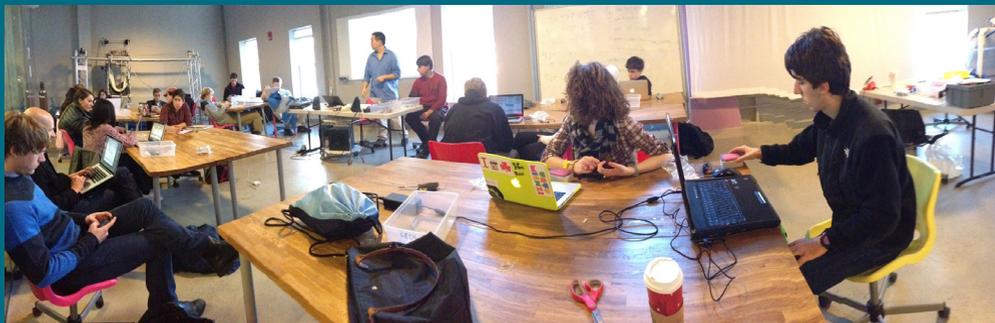
>> Quando os computadores chegaram, o grupo de professores pensou que essa tecnologia toda não tinha sentido se viesse apenas para substituir os cadernos. Se queríamos que eles aprendessem o que queriam, então, íamos usar a tecnologia para nos ajudar nesse objetivo. <<

Rosa Maria Stalivieri,  
diretora da escola EMEF Zeferino Lopes de Castro.



## Exemplos de quem já faz

Na escola NuVu Studio, que funciona em parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT), em Cambridge, nos Estados Unidos, os estudantes aprendem por meio de projetos, utilizando conceitos de robótica, programação, desenvolvimento de aplicativos e produção de documentários, em que o resultado sempre deve ter algum impacto social.



Na School 21, em Londres, a tecnologia é amplamente utilizada, com o intuito de melhorar o aprendizado dos estudantes, que usam *tablets* para realizar e analisar trabalhos com os colegas, escrever suas reflexões sobre o processo de aprendizagem em *blogs* ou grupos no *Facebook*, além de criar e publicar vídeos no *YouTube*. Isso também acontece na Woorana Park Primary School, localizada na Austrália. Vá ao final da publicação para acessar os *links* das três escolas e saber como elas utilizam essas ferramentas.



# 3

## Plataformas digitais de aprendizagem

Quando falamos da tecnologia a serviço da educação, incluímos também muitos fornecedores de diversos produtos digitais, que ajudam muito o processo de aprendizagem. Com o uso de plataformas de aprendizagem *on-line*, por exemplo, o ritmo, o método e até o conteúdo da aprendizagem de um jovem não precisam estar vinculados aos dos colegas da turma.

As configurações dessas plataformas são ajustadas para refletir as necessidades de cada um. Esses ajustes podem ser direcionados pelo professor, pelo aluno, pela colaboração entre os dois ou até pelas próprias plataformas, respondendo aos resultados do estudante. Assim, cada um pode seguir o próprio itinerário formativo, de um jeito que nunca foi possível no modelo tradicional da escola.

Nessas plataformas, a avaliação passa a ser imediata e determinante ao progresso do aprendizado do estudante, garantindo o domínio de conteúdos e competências, antes de permitir que ele avance para outros níveis. Com isso, o tempo do professor é otimizado para dedicar atenção à resolução de entraves mais complexos da aprendizagem.

Como você viu no capítulo anterior, há diversas opções gratuitas e *on-line*. Você pode saber mais, conferindo o portal Escolas Conectadas ([www.escolasconectadas.org.br](http://www.escolasconectadas.org.br)) e também a Educopédia ([www.educopedia.com.br](http://www.educopedia.com.br)).

>> Nós usamos a plataforma da (EMEF) Amorim Lima. Nela a gente vai checando os roteiros que a gente aprendeu, é só clicar e pronto. Aí o professor vai lá, vê que eu coloquei, que terminei, aí vem checar no meu caderno e depois coloca um visto lá na plataforma. Meus pais também podem ver o que eu estou fazendo.<<

Carlos, 7º ano, EMEF Amorim Lima.

>> Eu adoro usar o QMágico, porque nele você vê vídeos, também você aprende com outros jogos. Diferente de só ficar olhando para a lousa, que é chato em outras escolas. No nosso roteiro diz quando a gente tem que fazer alguma coisa no QMágico.<<

Kátia, 4º ano, EMEF Campos Salles.

As plataformas digitais mais completas costumam ser pagas, o que pode dificultar o acesso, caso sua escola não disponibilize de recursos para comprar uma licença de uso. Num cenário como esse, o improviso é uma boa solução.

>> Nós fazemos uma avaliação unificada, que não tem fins meritocráticos nem quer quantificar a aprendizagem. Ela serve para acompanhar os alunos. Um dos professores fez uma planilha no *Excel* para que conseguisse identificar que questões eles mais erraram, como se fosse um desses instrumentos de avaliação externa. Então, se a maioria da turma errou a questão três, por exemplo, vamos entender do que se trata a questão para planejar as próximas atividades e ajudá-los a desenvolver aquela habilidade. A avaliação tem o fim de nos ajudar a responder a questões dos alunos, sempre.<<

Camila Zentner, coordenadora pedagógica da EPG Manuel Bandeira, sobre o improviso criativo com as ferramentas disponíveis.

# 4 Gamificação

Muitas plataformas digitais utilizam a lógica dos jogos, em que passar de fase deixa de ser apenas lúdico, mas também parte do processo de aprendizagem. Isso é o que chamamos de gamificação do ensino.

É bom deixar claro que gamificação não depende apenas de tecnologia, pois muitos jogos podem ser criados com materiais sem qualquer circuito ou uso de energia. Existem muitas plataformas **transmídia**, que combinam diferentes formas de aprender, mesclando jogos de tabuleiro, vídeos e livros.

>> Usamos muito a Educopédia e todos os professores usavam, uns mais, outros menos, mas todos usavam. Alunos e professores adoravam, tanto pelos exercícios, quanto para buscar novas explicações e a Educoteca. <<

Ângela Calmon, ex-coordenadora pedagógica do GEC Anysio Teixeira.



## Exemplos de quem já faz

Localizada em Nova York, a escola pública Quest To Learn rompe com os padrões de ensino tradicionais e com a lógica de tempo e ritmo de aprendizado linear e passivo, para levar os estudantes a aprender por meio de jogos. Criada em 2009 pelo Institute of Play, a escola tem o objetivo de aumentar o engajamento, a motivação e potencializar o aprendizado de alunos, para que eles se relacionem com o mundo como uma fonte ininterrupta de oportunidades. Todo o currículo é baseado na gamificação, fazendo com que os estudantes também

desenvolvam estratégias e, por fim, criem os próprios jogos. Como jogadores, eles se sentem empoderados, passam a assumir riscos e desafios que evitariam na vida real, aprendem a tomar decisões e a promover transformações. Essa dinâmica leva a um aumento do potencial de aprendizado e da capacidade de serem atuantes na sociedade. A escola tem notas acima da média nos testes padronizados obrigatórios e é campeã em olimpíadas de matemática. Em 2016, cerca de 100 novos alunos foram admitidos, com idades entre 11 e 18 anos.

Algumas plataformas, que apoiam a aprendizagem com o uso de jogos, já podem ser encontradas em versões de demonstração e, outras, são totalmente gratuitas. O Plinks, por exemplo, é uma plataforma de aprendizagem lúdica, que envolve estudantes e educadores numa aventura divertida, por meio do conhecimento ([www.plinks.com.br](http://www.plinks.com.br)).



Plinks



>> O Brasil tem 1,5 milhão de jovens entre 15 e 17 anos fora da escola, principalmente por desinteresse, e 45 milhões de pessoas usando jogos digitais. Se uma das principais queixas dos professores é a desmotivação e a indisciplina dos alunos, crianças e jovens nem piscam enquanto estão jogando. Não precisamos adorar os *games* para entender que 'gamificar' o processo de aprendizagem pode ser uma boa estratégia. Mas o que significa gamificar a educação?

Gamificar significa utilizar dinâmicas, características e arquiteturas presentes nos jogos para promover comportamentos em outros contextos. Não se trata de, necessariamente, usar jogos digitais ou não, distribuir pontos ou outros incentivos.

As melhores experiências de gamificação aproveitam elementos como a curiosidade, a permissão para falhar, o *feedback* imediato, a colaboração entre jogadores, a apresentação de novos conteúdos, por meio de histórias e desafios contextualizados, e o sentimento de controle na tomada de decisões para motivar, estimular comportamentos desejados e promover descobertas. <<

Rafael Parente, diretor do LABi, sobre a importância da gamificação na educação.



## Exemplos de quem já faz

A proposta do projeto Núcleo Avançado em Educação (Nave), que funciona no Colégio Estadual José Leite Lopes, na zona norte do Rio de Janeiro, é estimular alunos em todas as suas dimensões para que se tornem seres humanos completos.

O projeto, iniciado em 2008, procura formar jovens protagonistas, a partir do conhecimento de suas potencialidades, unindo ensino médio e curso técnico, funcionando como um núcleo de pesquisa e inovação, e também como centro de disseminação de informações.

A escola forma os estudantes para atuar no mercado digital, em áreas como *internet*, celular, *games* e TV, e oferece três especializações: roteiro para mídias digitais, multimídia e programação de jogos digitais.

No primeiro ano, os alunos têm contato com disciplinas dos três cursos profissionalizantes. No segundo, escolhem qual deles querem cursar e passam a conhecer a área com mais profundidade. No total, são três anos de estudos, que aliam as disciplinas tradicionais e o aprendizado para o mercado de trabalho do século XXI.

Durante as aulas, os adolescentes são incentivados pelos professores a desenvolver produtos com qualidade de mercado. Os trabalhos podem ser feitos em diferentes formatos, como áudio, vídeo, jogos, artes manuais ou textos. Os professores participam de cursos de formação e os resultados de suas discussões e projetos são replicados para outras escolas.

A escola foi reconhecida como uma das 33 mais inovadoras do mundo pela Microsoft, em 2013. Como prêmio, passou a ter uma parceria com a empresa, que oferece acesso a ferramentas, como o *DreamSpark*, voltado a desenvolvedores, e a *Microsoft IT Academy*, plataforma que certifica os alunos em programas como *Word* e *Excel*.

# 5 Tecnologia aproximando escola e comunidade

A tecnologia também pode facilitar uma comunicação mais efetiva e intensiva entre a escola e a família. Há bem pouco tempo (e ainda hoje, em muitos lugares), o uso de *smartphones* nas escolas não era lá muito bem visto e, como já sabemos, chegou a ser proibido.

A verdade é que essa ferramenta se tornou um dos principais aliados dos professores, já que a grande maioria dos alunos passa boa parte de seu tempo livre jogando ou interagindo em redes sociais. Proibir não é a solução, ensiná-los a melhor forma de utilizar tais aparelhos, sim!

Alguns aplicativos, como o *WhatsApp*, permitem que o professor possa atualizar, com facilidade, todos os pais e responsáveis pelos estudantes sobre os temas trabalhados em sala de aula e sugerir maneiras para apoiar a aprendizagem desses jovens em suas casas. Além disso, o professor pode criar diálogos particulares com famílias específicas e também ajudar na gestão da escola.

>> É inconcebível que a educação do século XXI não reconheça a importância das mídias sociais. <<

David Albury, diretor da Innovation Unit, organização que atua para inovar os serviços públicos.

>> Um dos projetos dos alunos, por exemplo, criou um aplicativo que eles pudessem comunicar aos pais as informações da escola. <<

Ângela Calmon, ex-coordenadora pedagógica do GEC Anysio Teixeira.

>> No *WhatsApp* nós temos vários grupos. Quando os professores precisam de ajuda da assessoria eles pedem direto. Também temos um grupo de mães, onde 40 mães, o que dá 70% da escola, já estão conectadas e os avisos vão por lá. <<

Rosa Maria Stalivieri, diretora da escola EMEF Zeferino Lopes de Castro.



## Exemplos de quem já faz

O projeto The School in the Cloud se propõe a espalhar pelo mundo ambientes de aprendizagem auto-organizáveis, para que as crianças façam descobertas com a ajuda dos colegas, usando o computador. O primeiro foi criado em Killingworth, na Inglaterra, em 2013. Atualmente, já possui uma série de laboratórios espalhados pela Índia e pelo Reino Unido, onde as crianças embarcam em aventuras intelectuais, envolvendo-se e se conectando com a informação e recebendo tutoria *on-line*.

Os alunos exercitam a imaginação e a criatividade, fazendo grandes perguntas e se conectando pela *internet* com uma equipe global de mediadores voluntários. O aprendizado acontece de forma espontânea nesses ambientes, propositadamente, caóticos. Os professores atuam como facilitadores, incentivando a participação de todos os presentes e ajudando a checar as informações. No final de cada sessão, os grupos apresentam os resultados de suas pesquisas. Alguns exemplos de atividades realizadas são: contação de histórias, atividades manuais, música, exploração da *internet* em grupo, jogos de perguntas e respostas e discussões.



# 6

## Tecnologias e formação continuada dos professores

A tecnologia também tem um papel importantíssimo na modernização e melhoria da formação continuada dos professores.

Assim como o antigo modelo de aula expositiva para o estudante, o modelo de formação continuada a distância para os professores carece de personalização a necessidades individuais e ainda não oferece o melhor acompanhamento.

Algumas plataformas disponibilizam um catálogo de módulos *on-line* para o professor montar, com o seu coordenador, um plano individual de cursos de formação nas áreas que precisam ser aprimoradas.

Os módulos podem incluir diversos recursos de aprendizagem para o professor, como vídeos de demonstração de práticas específicas e fóruns de discussão sobre experiências e técnicas.

Avanços tecnológicos também permitem ao professor gravar suas aulas para autorreflexão de sua prática diária, ou até mandar os vídeos para especialistas em pedagogia, recebendo apontamentos e dicas para melhorar.

Esse tipo de tutoria *on-line* vale tanto para o aprendizado do professor quanto o do aluno. A aprendizagem híbrida, que utiliza também o meio digital além do presencial, é amplamente empregada, incluindo até a troca de conhecimentos entre alunos de diferentes escolas, cidades e países.



### Ideia!

Pesquise sobre escolas que se relacionam por meio da tecnologia fora do Brasil também, como a School in the Cloud, que agrega o Reino Unido à Índia, a Summit Public School, nos Estados Unidos, e a Wooranna Park Primary School, na Austrália. Veja os *links* no final desta publicação.



## Exemplos de quem já faz

Na África do Sul, o projeto Growing Communities Of Readers incentiva a leitura para os jovens melhorarem os estudos e a vida fora da escola. Ele publica livros de ficção e não ficção, contos, peças de teatro e poesia em uma plataforma *on-line* chamada “biblioteca no celular”, que pode ser acessada de celulares ou de qualquer dispositivo conectado à *internet*.

A cada semana, uma nova história é publicada em sete partes diárias. O aplicativo promove, ainda, a interação dos usuários, com espaços para comentários e compartilhamento, republica livros de outras editoras e dá tutoria para jovens escritores, que podem divulgar seus livros na plataforma e participar de **workshops** escritos.



A grande questão é que os professores são parte fundamental e vital do processo de aprendizagem e, como tal, também estão aprendendo, constantemente. A formação continuada ajuda muito no processo de identificação do papel do professor, mas a equipe com quem trabalha, e seus estudantes, estão lá para isso também. É importante não se sentir sozinho e, mais importante ainda:

não parar de buscar nunca!



## Exemplos de quem já faz

Na Índia, o projeto RadioPhone oferece programas educativos de temas variados (alfabetização, matemática, hábitos saudáveis etc.), com os personagens da versão indiana da série Vila Sésamo, chamada Galli Galli Sim Sim, por meio de rádios comunitárias e telefonia celular. A difusão dos áudios com essas tecnologias tem como objetivo atingir as populações marginalizadas e migrantes do país.

Por exemplo, a aldeia pobre chamada Nagina, a cerca de cem quilômetros de Nova Delhi, não tem eletricidade. O RadioPhone chegou pelos telefones celulares, sintonizados em uma rádio comunitária da região. As crianças se preparam para a escola ao aprender a contar histórias, lidar com números e resolver problemas. Mas, além disso, elas aprendem hábitos físicos (como os de higiene pessoal), emocionais e sociais. Os adultos (pais, professores e comunidade) aprendem a importância da educação e são incentivados a refletir sobre a própria realidade e o desenvolvimento de suas comunidades.



Read and Prosper é um projeto baseado em Washington, que trabalha com escolas no Quênia, na África. Além de desenvolver *e-readers*, cria um sistema de painéis solares, que mantêm os “livros” carregados e substituem as lamparinas de querosene, altamente poluentes e dispendiosas para grande parte dessas famílias.

A Escola Kauti de Educação Infantil, em Kathiani, no Quênia, é a versão piloto do programa, onde entregaram lanternas carregadas pela luz solar para as comunidades, possibilitando que as crianças estudem em casa, mesmo à noite.



No GENTE, escola situada na Rocinha, Rio de Janeiro, *tablets* e *smartphones* são parte do material escolar dos alunos e docentes. A utilização de novas tecnologias aumentou a motivação não só de alunos, mas também de professores, expandindo oportunidades de aprendizagem e quebrando os limites de tempo e espaço. A mudança auxiliou a personalização das necessidades e estilos individuais, tornando os alunos mais independentes, autônomos e donos da própria formação.



# 7

## Conectividade

Para que as mudanças trazidas pela tecnologia aconteçam, temos de falar sobre conectividade, não é mesmo? Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (Inep), apenas 9,9% das 76.229 escolas brasileiras inseridas em áreas rurais possuem acesso à *internet*, enquanto nas áreas urbanas são cerca de 84% de escolas conectadas.

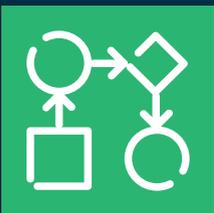
A boa notícia é que, inspirada pelos dados acima, a Fundação Telefônica Vivo está realizando, desde 2012, o programa Escolas Rurais Conectadas, que leva conectividade para zonas rurais.

Com a compra das licenças para oferta de serviços de **4G**, a Telefônica ficou responsável por levar telefonia e *internet* (**banda larga 3G**) para regiões remotas do País, inseridas em nove estados: Alagoas, Ceará, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e São Paulo.

Com isso, mais de 22 mil escolas rurais estão recebendo conexão e agora podem navegar livremente pela *internet*.

Quando todas as escolas estiverem devidamente conectadas, e com um mínimo de infraestrutura tecnológica, temos certeza de que os estudantes vão alçar voos muito mais altos.

E você, professor, poderá compartilhar e descobrir formas cada vez mais inovadoras de ensino.



## > Passo a passo

### > 1º Passo – Disponibilidade

Hora de avaliar todos os recursos tecnológicos disponíveis em sua escola e, se não forem suficientes, procure saber como é feita a requisição para compra de novos aparelhos e dispositivos. Converse com a direção e veja como ajudar nesse processo.

Em algumas situações, basta um apoio, um incentivo para os recursos começarem a chegar. Sabemos também que, muitas vezes, a falta de dinheiro impossibilita a compra de novos dispositivos. Caso essa seja a realidade da sua escola, procure identificar, dentre os aparelhos que você ou o próprio estudante já possui, os que podem ser utilizados em sala de aula.

### > 2º Passo – Reflexão

Depois de verificar os equipamentos disponíveis, você e toda a equipe pedagógica precisam refletir sobre estas questões práticas, relacionadas à utilização e ao manuseio dos recursos tecnológicos:

- Há rede sem fio ou rede de *internet* nas salas de aula?
- Sabemos usar esses recursos?
- Há alguém que possa nos ajudar? Aluno monitor, técnico, outro colega?
- Todos os alunos conhecem esses recursos?
- Há dispositivos para todos os alunos?
- Há regras para a utilização desses equipamentos? Ou precisamos criá-las com todo o grupo?
- Precisamos reservar o espaço? Há uma agenda?
- Que materiais pessoais os alunos devem ter com eles: *pendrive*, CD, caderno, livro, celular?

### > 3º Passo – Pedagogia

Refleta também sobre estas questões:

- Qual minha intencionalidade pedagógica?
- O que vai definir a qualidade de um roteiro de atividades com tecnologia?
- Os recursos do ambiente e as ferramentas escolhidas para o roteiro de estudo facilitam minhas estratégias?
- O que quero que meus alunos aprendam, nessa unidade, etapa, projeto?
- Como e quando os recursos tecnológicos são adequados para ajudar nesse aprendizado?
- Como vou apresentar a proposta? Um vídeo, um áudio, *slides*?

### > 4º Passo – Planejamento

Agora que você já tem uma noção dos recursos tecnológicos que a sua escola dispõe, e também as questões de ordem pedagógica, é preciso colocar a mão na massa e partir para o planejamento. Convide outros professores e faça um ***brainstorming***. No início, você precisará:

- Planejar atividades com habilidades que os alunos já dominem. Depois, parta para a aquisição de novas habilidades
- Dar preferência a atividades simples e de curta duração, de 10 a 20 minutos

### > 5º Passo – Família

Pense com seus alunos uma maneira de apresentar os trabalhos desenvolvidos pela turma para as famílias, com o objetivo de compartilhar as novas descobertas e habilidades de seus filhos.



## > Espaços Diferenciados



# A sala de aula não precisa estar organizada ao redor do professor, mas ser repensada de forma a facilitar a aprendizagem



## > Conceito

Para começar a falar sobre o tema, vamos trazer a conceituação de Maria da Graça Souza Horne, doutora em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e autora de livros renomados, como “O espaço como educador: sabores, cores e aromas”.

Ela diz que o termo “espaço” se refere aos locais onde acontecem as atividades escolares, com características próprias definidas pelos móveis, recursos didáticos, decoração. Já o termo “ambiente” é mais amplo: remete ao conjunto desse espaço físico e a relações que ali acontecem, envolvendo os afetos e as ligações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, espaço é mais objetivo; o ambiente, mais subjetivo.

As novas práticas exigem novos espaços. O modelo tradicional de carteiras enfileiradas, apontando para o quadro, não responde às necessidades de uma nova metodologia de educação.

A sala de aula deve servir ao propósito da escola do século XXI, de estudantes interessados e que se sintam à vontade nesse ambiente de aprendizagem, um local de bem-estar e inspiração, onde a aprendizagem reflita os princípios que norteiam e apoiam esse processo.

O espaço está aí para facilitar uma metodologia, assim sendo, antes de sequer mudar uma carteira de lugar, é necessária uma reflexão sobre que tipo de práticas você vai desenvolver com seus estudantes.



## > Desafios

- > Perceber e aceitar que se pode reinventar a escola, legalmente. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 27): “Essa ampliação e diversificação dos tempos e espaços curriculares pressupõe profissionais da educação dispostos a reinventar e construir essa escola, numa responsabilidade compartilhada com as demais autoridades encarregadas da gestão dos órgãos do poder público, na busca de parcerias possíveis e necessárias, até porque educar é responsabilidade da família, do Estado e da sociedade.”
- > Transformar espaços escolares em ambientes que “conversem” com a proposta pedagógica. Pensemos num modelo em que cada estudante segue um itinerário formativo, cada um no seu ritmo, livre para pedir a ajuda do professor e dos colegas, seja em que matéria for. Precisamos de um espaço mais versátil, para que o aluno possa transitar livremente, acessando com facilidade aqueles que podem contribuir com seu processo de aprendizagem
- > Ampliar os espaços de aprendizagem para além da sala de aula e dos muros da escola



## > Caminhos percorridos

Uma solução muito disseminada pelas escolas inovadoras, cujo anseio é a reconfiguração do espaço físico, foi a derrubada de algumas paredes internas para permitir a expansão das salas de aula.

Os grandes “salões”, como são chamados esses novos ambientes, aumentam as possibilidades de organização das classes, expandem a noção de espaço dos alunos e também são propícios para a realização de trabalhos em grupo, que agregam diversos benefícios, como o desenvolvimento das competências e habilidades para o século XXI.

Como os estudantes não precisam mais ficar enfileirados, eles aprendem a se relacionar uns com os outros, buscando ajuda dos colegas com quem têm mais sintonia, com um objetivo claro em mente: aprender.

Em algumas escolas, inclusive, os grandes salões possibilitaram a criação de classes multisseriadas, onde alunos de diferentes idades passam a conviver e interagir, ajudando-se mutuamente.

# 1 Salões

>> No salão, nós fazemos os roteiros, cada estudante faz o seu. Os estudantes conseguem se ajudar nos grupos de cinco ou seis estudantes, mas às vezes pedimos ajuda do professor. Ficamos em mesas grandes e facilita da gente se ajudar. <<

Carlos, 7º ano, EMEF Amorim Lima.

>> Aqui, nós ficamos quatro pessoas em uma mesa só, no salão. Quando a gente entra na escola a gente senta com quem quiser, mas se um dos colegas começa a se adiantar num roteiro, ou uma pessoa está com mais dificuldade, os grupos podem ir mudando. Quando a gente tem dúvida, primeiro perguntamos para o grupo, depois perguntamos para a professora. <<

Kátia, 4º ano, professora da EMEF Campos Salles.



## Exemplos de quem já faz

Na EMEF Campos Salles, em São Paulo, não existe sala por turma: os estudantes ficam em salões enormes e o número de paredes da escola foi reduzido. Na Amorim Lima, eles se separam por ciclos, cada um em um salão, enquanto na Campos Salles essa divisão se dá por ano. Em ambas, o que se vê são muitos estudantes se ajudando o tempo inteiro e os professores circulando por todo o salão, num clima colaborativo e orgânico.

A Wooranna Park Primary School, na Austrália, também utiliza salões e acredita que o espaço de aprendizagem deve ser atrativo e dinâmico. Por isso, várias intervenções foram feitas no espaço da escola, ao longo dos anos, para privilegiar a integração. Algumas das mudanças, além da retirada de divisórias e paredes para criar os salões, foram: a criação de locais para reuniões, de áreas multimídia, espaço para robótica e estúdios de rádio e TV. Outro fator importante considerado pela escola é a escolha dos móveis, que devem ser confortáveis, facilitando a interação, como sofás e mesas redondas.

O GENTE, colégio localizado no Rio de Janeiro, criou espaços amplos e abertos, possibilitando o trabalho coletivo de alunos e professores, transformando o ambiente em local atrativo ao aprendizado.



## 2 Móveis funcionais

Por meio dessa comunicação ativa e sem delimitação de espaço, o conhecimento é construído, incentivando a cocriação, a colaboração e a solidariedade, ao mesmo tempo em que todos aprendem a conviver e atingir objetivos em grupo. Nesse contexto, móveis funcionais têm papel fundamental.



### Exemplos de quem já faz

Na escola Vittras, na Suécia, há espaços abertos repletos de móveis funcionais, que passam longe das carteiras tradicionais, para motivar os alunos a fazer perguntas e a aprender de acordo com os próprios interesses, mas de forma colaborativa.



No GENTE, foi desenvolvida toda uma linha de mobiliário modular, com *design* e identidade visual próprios, facilitando a reorganização dos espaços. Os alunos, inclusive, possuem total autonomia para arrumá-los da forma que desejarem.



# 3 Espaço extramuros

A aprendizagem acontece nas interações livres e espontâneas entre os estudantes. Por isso, precisamos levar em consideração que a educação não acontece somente nos limites da escola, reconhecendo que há muito a aprender fora dela, ultrapassando os seus muros e paredes.

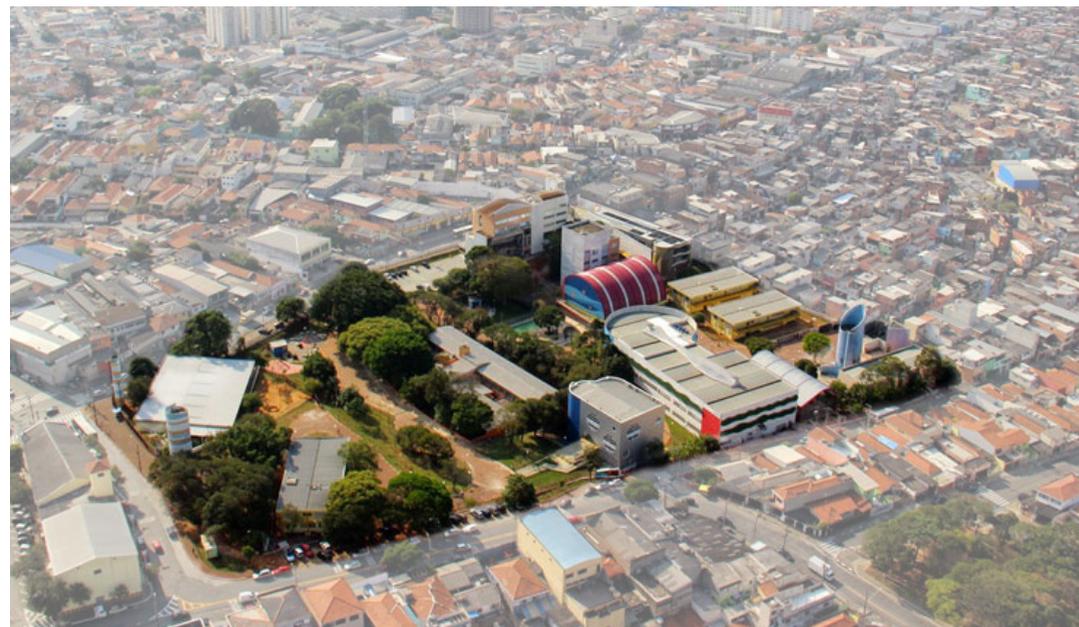


## Ideia!

Podemos ser ainda mais ambiciosos e imaginar essa aprendizagem indo para o outro lado da cidade, naquele museu tão interessante, ou até mesmo visitando outro país, por meio de trocas pela *internet* entre estudantes, professores e especialistas de todo o mundo!

>> Nós acreditamos que a escola não é parede, então você estuda onde você quiser. Aqui os estudantes moram muito perto uns dos outros e se encontram direto fora da escola, para tudo. Ensaiam projetos, se ajudam, estudam... É ótimo trabalhar em escola de bairro e ver isso acontecendo. <<

Fabiana Gomes do Nascimento, professora da EMEF Campos Salles, situada no Centro Educacional Unificado Heliópolis, na cidade de São Paulo, um polo cultural que conta com ativa participação comunitária, em todas as ações que realiza.





## Exemplos de quem já faz

A Green School, na ilha de Bali, na Indonésia, é considerada a escola mais verde do mundo. Com um modelo de educação progressista, centrado no estudante e na sua relação com a natureza para criar um mundo ecologicamente e socialmente mais justo, sua arquitetura é, com certeza, um grande diferencial. Dentre as muitas peculiaridades, destacamos a estrutura, toda feita com bambus: o prédio central em espiral e sem paredes, os painéis solares que geram 80% da eletricidade e os banheiros de compostagem.

As crianças aprendem todo o processo de cultivo e preparação dos alimentos, além de desenvolver novas habilidades, construindo estruturas com bambus e praticando artes marciais balinesas antigas. O desenvolvimento das habilidades acadêmicas, como alfabetização, matemática, artes e tecnologia, ocorre em paralelo ao desenvolvimento das competências para o século XXI, como empatia, persistência, pensamento criativo e crítico e colaboração.





## Exemplos de quem já faz

Solar-powered Floating Schools, as escolas flutuantes de Bangladesh, na Ásia, são uma mistura de ônibus escolares e escolas. Barcos, que pegam os estudantes em aldeias ribeirinhas isoladas ou regiões atingidas por enchentes, atracam em um local e dão aulas no próprio barco. Depois, levam os

alunos de volta para casa e se dirigem para buscar outro grupo. Com esse ritmo, eles conseguem realizar, pelo menos, três aulas por dia para alunos da educação básica. Como possuem energia solar, também dão aulas à noite para aqueles que trabalham durante o dia.

Essas escolas-barco costumam ter um espaço de ensino para 30 alunos com um *notebook* conectado à *internet* e uma biblioteca. Crianças, jovens, adultos e idosos, principalmente mulheres, aprendem a usar o computador e obter informações sobre tópicos úteis para suas realidades, como nutrição, saúde, higiene, agricultura sustentável, sistemas de comercialização de produtos e plantio de arroz e cana, que resistem a enchentes que acontecem na região.

Para se ter noção da grandeza do projeto, a energia solar que sobra da geração dos painéis das escolas-barco é distribuída para as famílias da região, em lâmpadas de querosene transformadas em lâmpadas solares recarregáveis.



# 4 Integração de espaços escola/comunidade

Devemos nos abrir para questionar o espaço como um todo, pois, às vezes, só precisamos de um estalo para entender coisas muito simples, que nos provam que a escola não deve ser encarada como um prédio separado do seu contexto.

Quando colocamos muros e configuramos a escola como aquela caixa isolada do conhecimento, não consideramos que muitos momentos de aprendizagem importantes para os estudantes também acontecem no seu entorno.

O jovem está aprendendo com a aula de piano na igreja, com o vizinho que ensina a construir uma cadeira, com o grupo do bairro que se reúne para realizar ações ecológicas pela região, com o *blog* que o estudante criou para compartilhar suas angústias, os vídeos que faz, mostrando situações engraçadas, e inúmeras atividades nas quais a aprendizagem está presente.

A escola precisa ser encarada como uma parte vital do ecossistema de uma determinada região, o coração pulsante de toda a comunidade. A interação entre todos os atores daquele entorno é fundamental para que o aluno compreenda sua importância para a sociedade.

Qualquer lugar pode interagir com a aprendizagem,  
que não acontece só no espaço contornado  
por quatro paredes.



## Ideia!

Não é fácil sair derrubando muros e paredes de uma escola, então, comece derrubando suas paredes internas. Repense a configuração da sua sala de aula e agrupe seus estudantes com as carteiras não mais voltadas para o quadro, mas para eles mesmos. Teste várias configurações, até encontrar aquela que propicie a melhor interação entre todos.



## Exemplos de quem já faz

Quando 20 computadores foram roubados da EMEF Campos Salles, o então diretor, Braz Nogueira, envolveu a comunidade no problema, de tal forma que todos os aparelhos foram devolvidos. Após esse episódio, ele resolveu derrubar os muros que separavam a escola da comunidade, por ter entendido que ambas deviam ser compreendidas como uma coisa só. Segundo Braz, são “os muros que nos deixam fragilizados”. Depois do muro da frente derrubado, o próximo passo foi acabar com a “pedagogia da maçaneta”: os professores se trancavam na sala de aula, sentindo-se proprietários daquelas classes. Inspirado pela Escola da Ponte, ele mandou derrubar as paredes das salas de aula, criando os salões.

A escola Into the Woods, do Reino Unido, traz uma proposta diferente das creches sem paredes. Não utiliza salas de aula e tem aulas ao ar livre, apostando em três grandes benefícios para a aprendizagem, estabelecidos no trabalho da autora Helen Bilton (“Playing Outside”): estar do lado de fora é um ambiente natural para as crianças; o ambiente em que trabalhamos e brincamos afeta nossas emoções; e o ar livre é o lugar perfeito para aprender por meio do movimento, que é um dos quatro veículos pelo quais as crianças aprendem. A aprendizagem está em tudo e envolve também o cuidado com o espaço, ou seja, um cuidado com o meio ambiente.





Um exemplo ainda mais próximo é a Escola de Educação Infantil Cisne Branco, que fica em Viamão, no Rio Grande do Sul, onde a direção faz um excelente trabalho envolvendo a comunidade, que tem ajudado a remodelar os espaços externos da escola, valorizando a questão ambiental. A unidade, que atende crianças de 3 a 5 anos, tem aulas de horticultura e jardinagem, incentivando desde muito cedo a importância da reciclagem.

Outro exemplo incrível é o método de **Sugata Mitra**, na Índia, onde um grupo de tutores fica disponível no *Skype* para esclarecer dúvidas, propor debates e dar apoio aos alunos. Com essa forma de estudos, eles exercitam a imaginação e a criatividade, fazendo grandes perguntas e se conectando pela *internet* com uma equipe global de mediadores voluntários, conhecidos como *grannies* (vovós). O aprendizado acontece de forma espontânea nesses ambientes, propositalmente caóticos.





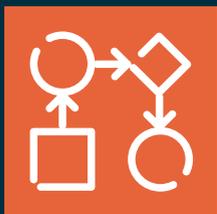
## Exemplos de quem já faz

The Solar Bus, na Grécia, uma experiência educacional diferenciada, mostra ser possível aprender por meio de viagens, como um processo vivencial e experimental.

Os principais objetivos pedagógicos dessa iniciativa são desenvolver nos estudantes proatividade, senso de sustentabilidade, cidadania e valorização da identidade cultural para além do seu país e dos possíveis locais onde se hospedem.

O método que eles implementam incentiva o trabalho individual e em grupo, familiarizando os alunos com diferentes formas de pesquisa, análise, classificação e processamento de dados, além de visitas a campo para observação crítica e criativa, fotografia e criação de pinturas com performances visuais e artísticas dos monumentos de importância histórica e cultural. Ao final de cada visita, os dados são tratados e os alunos preparam apresentações. Existem questionários para avaliar o progresso e redefinir metas. Todas as atividades são publicadas no *site* da iniciativa, onde os estudantes costumam escrever contos com elementos teatrais e diálogos.

Caso, depois dessas reflexões, você decida iniciar um processo de transformação em ambientes da sua escola, temos algumas ideias para inspirá-lo. Confira!



## > Passo a passo

- > **1º Passo – Sensibilização**  
Para enfrentar eventuais resistências e conseguir um alinhamento básico, promova uma conversa com toda a equipe escolar. A ideia é colocar em debate algumas questões:

- > Como eram as carteiras de antigamente? E as de hoje? Por que carteiras para a pré-escola são diferentes das do ensino fundamental e do ensino universitário?
- > Por que trocamos a lousa de pedra pelos quadros negros? Por que estamos trocando os quadros negros por quadros de pincel a tinta? Por que estamos trocando os quadros de pincel a tinta pelas lousas digitais?
- > Entendemos que espaço escolar é uma coisa e espaço educativo é outra?
- > Acreditamos que educação pode acontecer independentemente dos limites físicos do prédio da escola? Ou seja, que o espaço educativo ultrapassa o limite físico das salas e alcança áreas abertas e o entorno da escola?
- > Por que queremos transformar nosso ambiente escolar? Que benefícios isso vai nos trazer?
- > O uso adequado dos mais variados espaços da escola facilita o sucesso pedagógico?
- > Temos autonomia para fazer transformações no espaço da escola?
- > Vamos fazer mudanças mais radicais ou menos radicais?

## > 2º Passo – Flexibilidade e transformação

Para iniciar as mudanças, que tal criar um ambiente *maker* na sua escola?



Ah... Não há sala disponível?

Que tal transformar a biblioteca em ambiente *maker*?

Mas já avisamos:

prepare-se para as reclamações sobre o barulho!

Aí você argumenta: colaboração exige comunicação!

Temos algumas ideias para começar:

- > Pesquisar na *internet* sobre o que é, quem já faz etc.
- > Envolver o maior número possível de pessoas no processo
- > Não se preocupe em criar um espaço perfeitinho, o que mais importa aqui é o processo e não o produto
- > Buscar os equipamentos: pode ser por doação de dispositivos novos ou reciclados (impressoras, PCs, Lego, sensores, motores, luzes, módulos eletrônicos para os alunos montarem circuitos etc.). Faça uma campanha!
- > Transformar o ensino: o espaço novo propicia novas formas de ensinar. Ouse!



Saiba mais sobre espaço *maker*, acessando estes *links*:

<http://fundacaotelefonica.org.br/noticias/o-movimento-maker-e-a-educacao-como-fab-labs-e-makerspaces-podem-contribuir-com-o-aprender/>

<http://porvir.org/como-construir-um-espaco-maker-inclusivo/>

<http://www.minhabiblioteca.com.br/4-dicas-para-transformar-uma-biblioteca-em-um-espaco-maker/>

### > 3º Passo – Dinamização/Mobilidade de espaços

O uso inusitado de alguns espaços acaba revelando suas potencialidades e evidenciando possibilidades de realização de outras atividades.

Aqui estão algumas delas:

- > Na entrada da escola, quase sempre tem um saguão, muitas vezes amplo. Nele pode funcionar uma oficina de arte e espaço para exposições
- > O refeitório, fora do horário das refeições, ficará melhor utilizado se, por exemplo, servir a reuniões de alunos, assembleias, oficinas etc.
- > Corredores ganharão nova “vida” se transformados em espaços lúdicos ou de convivência, usando soluções bem simples, como:
  - > Colocar mesas, cadeiras ou bancos
  - > Instalar pequenas prateleiras ou caixotes para que materiais fiquem à disposição dos alunos

- > Na escola tem árvores e sombra na parte externa? Então, coloque mesas (ou improvise com cavaletes e tábuas de madeira) para que os alunos ganhem um ótimo lugar de convivência e interação



#### Ideia!

Vale lembrar que todo espaço é espaço! Até aquele corredor que não serve para nada vira um lugar de aprendizagem. Dá para usar a parede como “Mural Colaborativo”, como na Escola da Ponte, onde os estudantes escrevem se precisam de ajuda, se podem colaborar uns com os outros, colocam dicas e compartilham interesses. Mais legal ainda para o processo de aprendizagem é deixar os alunos como responsáveis pelos lugares, tanto na manutenção quanto na supervisão do que for ali utilizado (a atualização do mural, por exemplo).

Os espaços diferenciados, como chamamos aqui, devem servir ao processo de aprendizagem, porque esse é o seu grande objetivo. Quebre seus muros internos e olhe para o espaço como uma extensão das práticas de aprendizagem que pretende implementar.

**Liberte-se!**

> Recursos Tecnológicos  
> Espaços Diferenciados



## > Gestão Inovadora

> Personalizada



# Os profissionais da escola não são os únicos responsáveis pela aprendizagem dos jovens



## > Conceito

Não dá para se comprometer com a educação do século XXI, sem que a escola amplifique cada vez mais o foco no estudante e em tudo que o cerca. Logo, quando falamos da gestão de uma escola comprometida, devemos contar com a participação de pais, estudantes, professores, equipe e comunidade, numa colaboração constante e transparente.

É preciso que os anseios e as perspectivas de todos sejam levados em consideração, de forma que os objetivos, responsabilidades e benefícios de cada um estejam sempre alinhados e muito bem compreendidos.

Há cinco eixos importantes que devem nortear o trabalho dos gestores: flexibilidade, autonomia, responsabilidade, planejamento e participação.



## > Desafios

- > Considerar todos os atores. Todo tipo de mudança na escola – praticamente tudo mesmo – passa por algum tipo de decisão que precisa envolver a gestão dela. Começa quando o professor inicia o planejamento de uma inovação, a organização da equipe, o tempo de aula reservado aos projetos, o tempo dedicado a rever os resultados, a flexibilidade para mudar, enfim... Como gerir isso tudo, sem ignorar qualquer um dos atores envolvidos nas mudanças? Talvez pareça difícil pensar nisso, mas é preciso!
- > Considerar o protagonismo do aluno. Imaginemos, primeiramente, que o protagonista de todo esse movimento de transformação, o estudante, precisa estar inserido, de algum modo, na gestão escolar. Muitos são os argumentos para negar a sua participação nas decisões da escola onde estuda. Um deles se resume a dizer que “eles são jovens e não sabem o que é melhor para eles”. Hora de repensar!
- > Integrar gestão administrativa à gestão pedagógica. O uso das novas tecnologias é, sem dúvida, um apoio fundamental a diretores, coordenadores e secretários de escola. Mas além da gestão administrativa, a gestão pedagógica também precisa se valer desses recursos. Essas gestões devem conversar e se apoiar



## > Caminhos percorridos

>> A ideia era trazer os alunos para o Conselho de Classe. No entanto, receosos de que eles não conseguissem expressar seus anseios na presença de adultos, foi criado o Conselhinho. Lá eles discutem suas pautas com seus representantes, de que forma destinar recursos para elas, quem poderá concretizá-las, para depois enviar tudo ao Conselho, que analisa e faz os encaminhamentos necessários.<<

Camila Zentner, coordenadora pedagógica da EPG Manuel Bandeira.

# 1 Dar voz aos alunos nas tomadas de decisão da escola

Um passo enorme é dar essa voz aos estudantes, fazendo com que se apropriem de seus papéis como protagonistas do processo de ensino. Esses jovens, mais do que nunca, sabem o que querem e podem ajudar muito nas decisões quanto ao seu processo de aprendizagem. Sendo assim, muitas escolas já contam com essa participação na tomada de decisões.



### Exemplos de quem já faz

Na EPG Manuel Bandeira, os alunos participam ativamente da gestão da escola. Essa prática foi consequência da mudança na rede municipal de ensino de Guarulhos, em 2012, que propunha a participação de representantes dos alunos no Conselho de Classe. A nova formação criou o Conselhinho, espaço onde os estudantes dão sugestões e fazem reivindicações para serem levadas ao Conselho.



### Ideia!

Envolva seus estudantes nas tomadas de decisões, perguntando o que eles acham de processos simples da escola e se ajudam na sua aprendizagem. Leve os resultados para a gestão escolar e veja o que pode ser feito para responder às questões desses jovens.

## 2 Trazer a comunidade para dentro da escola

Um passo ainda mais ambicioso é tentar trazer a comunidade para dentro da escola, inserir os pais e responsáveis no cotidiano desses jovens, de modo que tenham consciência e mais participação em tudo que envolve o processo educacional. Em alguns casos, não é fácil chegar até a comunidade, uma vez que há estudantes com estruturas familiares muito diversificadas. Mas, uma vez engajados, a escola ganha mais força, proteção e envolvimento com seu entorno. Um esforço que vale a pena!

>> É só lembrar-se do exemplo da EMEF Campos Salles, que derrubou seus muros e passou a fazer ainda mais parte da comunidade. A escola era famosa por ser a escola dos favelados e dos violentos, dos baderneiros. Agora a fama é: a escola da comunidade. Hoje, escola e comunidade são uma coisa só. <<

Amélia Arrabal, coordenadora pedagógica da EMEF Campos Salles.



### Exemplos de quem já faz

A EMEF Amorim Lima decidiu envolver a comunidade na gestão da escola, por meio do Conselho Deliberativo. As reuniões eram semanais, porque cada vez mais a comunidade se engajava para entender o que acontecia na escola. No começo, a gestão escolar compartilhava os problemas que enfrentava e, rapidamente, a escola e a comunidade começaram a pensar juntas nas soluções, levando à criação de um projeto político pedagógico.

>> A participação da comunidade foi essencial para a construção de um projeto político pedagógico, que chegou às mãos do secretário de educação graças ao empenho de um dos pais. <<

Ana Elisa, diretora da EMEF Amorim Lima.

# 3 República dos estudantes

O poder e a vontade dos estudantes em participar das decisões tomadas na escola estão sempre eminentes, mas, muitas vezes, são pouco explorados. Algumas escolas apostam nisso e criam uma estrutura organizacional que dá a eles a possibilidade de opinar ativamente nas decisões de diversos aspectos, inclusive na hora de resolver problemas entre os próprios alunos.



## Exemplos de quem já faz

A EMEF Campos Salles, na busca por uma participação mais ativa dos estudantes nas decisões da escola, criou uma República dos Estudantes. Para formá-la, a escola faz uma eleição para vereadores e prefeito. Todo mundo pode se candidatar. Cada sala tem uma comissão para resolver os problemas nos salões. O aluno prefeito faz suas propostas e mobiliza os demais para cumpri-las, sempre que legitimadas pela maioria.



>> A gente propôs usar mais o QMágico, de ter pratos de vidro na merenda e outras coisas. Aí a gente negocia com a escola. A Amélia marca as reuniões das comissões para decidir tudo. Nós temos aquele armário onde guardamos todas as atas de reuniões com as decisões que tomamos.<<

Kátia, 4º ano, prefeita da EMEF Campos Salles.

## 4 Modelo das escolas democráticas

Escolas democráticas pressupõem exatamente o que estamos discutindo: a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar, em todos os aspectos de sua organização, seja na construção dos projetos e processos pedagógicos, seja nas questões mais burocráticas. Todos têm voz e todos são ouvidos, sem exceção.

Essas escolas são muito mais comuns do que se imagina. Em uma breve pesquisa, você provavelmente vai encontrar várias, como as que mostraremos a seguir. Confira!



### Exemplos de quem já faz

O Colégio Cardenal de Cracovia, no Chile, surgiu em uma comunidade muito violenta e pobre da capital Santiago. Especialmente importante foi a atenção dada ao carinho e à participação como ferramentas essenciais contra o mito da “criança problemática”. O diretor diz que as crianças são apenas um termômetro para uma sociedade doente, que é violenta e materialista. Ele acredita que, no momento em que se cria um ambiente diferente, com fortes relações interpessoais, é possível ver as crianças felizes, protegidas em todos os aspectos. Com a organização da comunidade e dos estudantes, a escola é gerida também por uma República de Estudantes, que toma decisões importantes sobre a rotina escolar, como acontece na EMEF Campos Salles.



## Exemplos de quem já faz

A Michael Oak Waldorf School, fundada em 1962, na África do Sul, surgiu de uma iniciativa de alguns pais que queriam uma escola cujo foco de ensino girasse em torno das necessidades de suas crianças, no lugar das necessidades de um currículo preestabelecido. A instituição, que faz parte da Associação de Escolas Independentes da África do Sul (ISASA), tem como objetivo proporcionar uma educação de qualidade, que abrace cada raça, cor, credo e classe social, além de desenvolver ainda mais a arte da educação dentro da escola e na comunidade em geral.

A escola iniciou suas atividades na sala de jantar de um desses pais e as assembleias aconteciam no *foyer* de recepção. Para construir a escola, de fato, boa parte dos tijolos foi colocada pelos próprios pais. Todo esse processo fez com que eles, funcionários e estudantes formassem uma comunidade escolar muito forte. Pais e professores fazem parte da gestão escolar, denominada Conselho de Curadores. O papel do diretor é substituído pelo Colegiado de Professores, que atende a necessidades pedagógicas da escola.

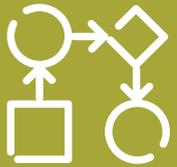
Na Nova Zelândia, temos a Ao Tawhiti Unlimited Discovery, uma escola pública de ensino fundamental e médio, que surgiu em 2001, com base na proposta pedagógica inovadora do educador John Clough. Uma das principais características da escola é que sua gestão conta com a participação das famílias e da comunidade. O currículo é personalizado e definido em colaboração com pais e professores. Encontros individuais são realizados sob demanda para que o aluno, com seus responsáveis e conselheiros educacionais, estabeleça objetivos e metas de aprendizagem. Agentes comunitários também participam da metodologia de ensino, tanto dentro da escola como em outros espaços da cidade.

Os estudantes usam bibliotecas, parques, praças e museus para aprender de forma autônoma. Eles podem escolher um dia na semana para estudar em casa ou em grupos nas casas de seus colegas. Existe, ainda, o contato com profissionais do mercado para entender como é o dia a dia das profissões que poderão seguir.



## Ideia!

Uma boa forma de começar a alimentar essa postura democrática e participativa na escola é reservando um tempo na semana para a criação de grupos de estudos, em que sejam amplamente incentivadas a discussão sobre inovações na educação, a observação e avaliação entre pares e a resolução coletiva de dificuldades de ensino.



## > Passo a passo

### > 1º Passo – Abertura

A gestão da sua escola precisa começar o movimento de se abrir para os outros envolvidos no processo de aprendizagem dos estudantes, buscando a participação de toda a comunidade escolar. Ela tem de deixar claro que aposta em uma gestão participativa!

### > 2º Passo – Comunicação

A gestão deve informar sempre o que acontece na escola: como as decisões são tomadas e por que a escola acredita no que acredita. A grande chave para o início disso é a comunicação. Boletins, *blogs*, páginas em redes sociais, aplicativos de mensagens são um bom caminho. Tudo sempre muito colaborativo!

### > 3º Passo – Interação

É preciso estar aberto para críticas, observações e sugestões. Sempre! A gestão deve se preocupar em criar mecanismos de captação periódica desses *feedbacks* que, certamente, ajudarão na tomada das próximas decisões e na melhoria dos processos.

### > 4º Passo – Gestão participativa

A gestão participativa pressupõe o envolvimento de todos os profissionais da escola no planejamento das atividades. Isso significa atividades nos campos: administrativo, pedagógico, político e ético.

### ➤ **5º Passo – Solução de problemas**

Quando a proposta é mudança, transformação, problemas surgem. Esses problemas e insatisfações precisam ser também administrados, geridos. A gestão precisa estar atenta e propor situações para amenizar essas “dores”.

### ➤ **6º Passo – Planejamento**

Ao iniciar o planejamento participativo, seria interessante a gestão propor ao grupo algumas questões, como:

- Nossa escola tem se mostrado aberta a mudanças?
- Nossa escola está conseguindo atender a transformações que a atual sociedade exige?
- Temos a clareza de que o centro dessas mudanças é a comunidade escolar?
- Nossos professores, ou nossa comunidade escolar, estão motivados para essas mudanças?
- Todos encaram as mudanças como desafios?
- Estamos preparados para enfrentar mudanças?
- O que já fazemos na nossa escola que pode ser considerada uma mudança?

### ➤ **7º Passo – Gestão do tempo na escola**

Outro ponto muito importante é a gestão do tempo na escola. Os professores, a direção e os coordenadores pedagógicos precisam organizar seu tempo para planejar, juntos, itinerários formativos dos estudantes, a construção e aprimoramento coletivo de planos de aula, projetos e avaliações interdisciplinares e, ainda, reservar algum tempo para atualizar a própria formação.

É preciso garantir que o estudante tenha mais flexibilidade acerca de quando e do que necessita fazer. Esse jovem vai precisar ter cada vez mais responsabilidade pessoal para avançar no itinerário formativo. Ele escolherá os momentos certos para leitura, discussão, pesquisa, experimentação, criação ou prática, conforme seus sentimentos e motivações.

### ➤ **8º Passo – Formação/Atualização**

Gestores não participam do dia a dia da sala de aula, mas, assim como os professores, necessitam de formação continuada. Para ser líder de processos de inovação na sua escola, o gestor precisa de atualização constante.

Pensar em soluções inovadoras para a gestão escolar não é nada simples e envolve tantos detalhes que é preciso parar por um minuto, respirar fundo e, depois, colocar a mão na massa.

### ➤ **9º Passo – Relação com a comunidade**

Organize um passeio pela comunidade em torno da sua escola. Converse com as pessoas, peça aos alunos que mostrem onde moram e ressalte a importância da escola, buscando engajar todos com quem conversar. Informe as atividades que serão realizadas e chame quem puder para participar.

Envolva-se com a comunidade e faça com que ela se sinta à vontade para envolver-se com a escola.

➤ Lembre-se de que, no fim das contas, o que interessa mesmo é fazer o melhor para que o estudante encontre na escola um porto seguro, um lugar bem organizado e que permita que ele tenha um papel significativo no processo de aprendizagem.

Achou que acabamos por aqui?

# Depois de tantas inspirações...

Viu só? Como você deve ter percebido, não há um roteiro pronto ou uma receita mágica para inovar. Nem sempre é fácil encontrar uma solução para todos os problemas, mas o importante é começar. Derrube paredes (físicas ou ideológicas), quebre paradigmas, empodere os atores envolvidos e ouça (muito!) todos.

O processo de transformação não acontece da noite para o dia e se desenvolve de inúmeras formas, dependendo de cada escola, cada grupo de estudantes e professores e de cada comunidade. É preciso ter **resiliência**, trabalhar em grupo, pesquisar diferentes fontes e, principalmente, saber que o trabalho não termina nunca. Ele se renova a cada vivência, a cada nova demanda, a cada questionamento, a cada tentativa que não deu certo ou a cada tentativa que deu tão certo que precisará ser desafiada!

>> É desafiador você estar sempre procurando meios, mas é legal, porque quando você vai embora você pensa: 'Nossa, hoje foi produtivo'. Às vezes, você também sai triste, mas você para e pensa no que você pode fazer para melhorar amanhã. Então, você está sempre refazendo a sua prática. <<

Cláudia Lavinia Barcellos Alves, professora de educação infantil da EPG Manuel Bandeira.

>> A gente entra aqui e não sabe como vai sair. É uma transformação constante. <<

Eder do Carmo, professor da EMEF Campos Salles.

>> Tem horas que cansa. Dá muito mais trabalho, porque estamos sempre correndo atrás de outras coisas que interessem a eles, mas esse é o barato do projeto. A gente aprende muita coisa. <<

Simone, professora da EMEF Zeferino Lopes de Castro.

O que podemos dizer, depois de tantas conversas maravilhosas com essas pessoas que estão fazendo tudo isso pela transformação de suas escolas? Pois agora é com você:

### 1 - Onde você está agora?

(Quais são os seus problemas, desafios, questionamentos, inquietudes, demandas e vontades? O que você tem hoje que não quer mais ter e quer transformar?)

### 2 - Aonde você quer chegar?

(Que tipo de educação quer para nossos estudantes? Que escola deseja ajudar a construir?)

### 3 - Como pode começar?

(O que já tem hoje que pode te ajudar? Qual o seu primeiro desafio?)

### 4 - De quem você precisa?

(Que tipo de suporte vai buscar para fazer a inovação acontecer?)

### 5 - Como vai incluir outras pessoas da escola e da comunidade nessa jornada?

(De que forma pode começar a envolver outros atores na escola?)

### 6 - Quando começar?

(Arregaçar as mangas e respirar fundo! Vai valer muito a pena!)

O intuito desta publicação é, mais do que tudo, mostrar experiências de escolas que conseguiram pensar “fora da caixinha” para inspirar mais transformadores. Dê voz ao seu incômodo e incomode mais pessoas! Solange e Camila, de São Paulo, citam o professor José Pacheco, educador e criador da Escola da Ponte, em Portugal, para ilustrar esse momento:

>> Encontre mais dois incomodados, se junte a eles e incomodem os demais. <<

Camila Zentner, coordenadora pedagógica da EPG Manuel Bandeira.

>> O grupo precisa querer se olhar e se organizar. Esta é a chave para desencadear o processo. <<

Cristina Silveira, coordenadora pedagógica da EMEF Zeferino Lopes de Castro.

Temos mais algumas dicas para ajudar você a se inspirar e conhecer novas experiências:

- **1** Pesquise. Há tantos exemplos de escolas inovadoras, além das que citamos, que você certamente encontrará alguma que tenha similaridades com a sua. Incentive os demais professores a se inteirarem sobre o assunto. Você pode começar pelos *links* que disponibilizamos no final da publicação, no *site* do Ministério da Educação (MEC) e também no *site* [www.escolatransformadoras.com.br](http://www.escolatransformadoras.com.br).
- **2** Achou uma escola interessante? Entre em contato! O ideal é telefonar para a diretoria e checar quais são os procedimentos para agendar uma visita. Logo de cara, deixe bem claro que você trabalha numa escola que quer se inspirar naquele modelo e se transformar. Para escolas de redes municipais e estaduais, o mais indicado, primeiro, é entrar em contato com as secretarias de educação.

- **3** Agendou uma visita? Monte uma entrevista, com base na pesquisa que você realizou. Selecione os pontos mais importantes e crie tópicos para todas as suas dúvidas. Tente sintetizar as informações de que precisa, de forma concisa e objetiva.
- **4** Com base nas visitas ou contatos que fizer, crie um grupo de escolas e promova o intercâmbio de práticas inovadoras. Compartilhe as suas experiências e incentive as escolas vizinhas a fazer o mesmo. Não vai demorar muito para sua escola servir de referência a outras, que também serão contagiadas pela expectativa da transformação.

## Inove-se!

Dê visibilidade à inovação que está acontecendo em sua escola. Procure sempre saber o que outras escolas estão fazendo, como estão inovando, troque experiências. Alimente a cultura da inovação: indique leituras, vídeos, experiências. Estimule a equipe da sua escola a postar (em murais físicos ou virtuais) suas experiências. Organize-se de forma a ter tempo para as questões pedagógicas. As administrativas não podem ocupar todo seu tempo!

Que tenhamos força juntos, porque se você chegou até aqui, lendo esta publicação, temos certeza de que está cheio de energia para começar.

Então, mãos à obra!

# Comece!

# Agradecimentos

## **EMEF Desembargador Amorim Lima – São Paulo, SP**

Ana Elisa Siqueira, diretora  
Flavia Moretti Ferrari, professora  
Lis Paglioni Bonadi, coordenadora pedagógica  
Renata Camargo Contese, coordenadora pedagógica

## **EMEF Campos Salles – São Paulo, SP**

Adriana Chow Aidar, professora  
Amélia Arrabal Fernandez, coordenadora pedagógica  
Edelmar de Souza Vecci, professora  
Eder do Carmo de Souza, professor  
Fabiana Gomes, professora  
Rosemeire Schimidt, diretora  
Thuane Nogueira, assistente de direção

## **EMEF Zerefino Lopes de Castro – Viamão, RS**

Cristina Silveira de Faria, coordenadora pedagógica  
Marcia da Silva Chaves Kist, professora  
Rosa Maria Friedl Stalivieri, diretora  
Simone Menotes Costa, professora

## **EPG Manuel Bandeira – Guarulhos, SP**

Ana Paula Casal de Rey, supervisora de ensino  
Ana Paula Lucio Souto Ferreira, vice-diretora  
Camila Zentner Tesche, coordenadora pedagógica  
Solange Turgante Adamoli, diretora

## **Ginásios Experimentais Cariocas – Rio de Janeiro, RJ**

Ângela Calmon, ex-coordenadora pedagógica do GEC Anísio Teixeira  
Marly Cardoso, ex-diretora do GEC Epitácio Pessoa  
Mônica Pereira, diretora do GEC Governador Carlos Lacerda  
Alexandre Rodrigues, assistente I da E/SUBE

## **Núcleo Avançado em Educação (NAVE) – Rio de Janeiro, RJ**

Ana Paula Bessa, diretora

Agradecemos também a Américo Mattar, Ana Gaspar, David Saad, Fernanda Sarmento, Juliano Bittencourt, Lívia Macedo, Mila Gonçalves, Lucila Ricci, Neide Barros, Priscila Cruz, Rafael Parente, Sônia Bertocchi, Weronica Miranda e a todos os demais envolvidos que colaboraram para o desenvolvimento desta publicação.

# Glossário

**Banda larga (3G, 4G)** - Conexão de *internet* que permite ao usuário navegar em alta velocidade. 3G e 4G são padrões dessa velocidade.

**Blogar** - Publicar em um *blog*, uma espécie de diário on-line, cuja estrutura permite a publicação de artigos (os chamados *posts*).

**Bookmarking** - Sistema de marcadores *on-line* que disponibilizam seus *links* preferidos na *internet*, para que você tenha fácil acesso e possa, também, compartilhá-los.

**Booleanas** - Siglas como AND, OR e NOT, usadas nas ferramentas de busca para facilitar pesquisas na *internet*.

**Brainstorming** - A tradução literal é “tempestade de ideias”, ou seja, uma técnica de discussão em grupo, em que todo mundo dá sua opinião ou sugestões, com o objetivo de resolver algum problema ou elaborar um trabalho criativo.

**Chat** - Bate-papo virtual que você pode ter com uma ou mais pessoas.

**Chatear** - Participar de um bate-papo virtual, de um *chat*.

**Competências para o século XXI** - também conhecidas como socioemocionais ou relacionais, essas competências envolvem uma série de habilidades essenciais para os indivíduos alcançarem sucesso em todos os aspectos de sua vida (pessoal, social e profissional). Para saber mais, leia a introdução deste material.

**E-readers** - Leitores de livros digitais, os *e-books*.

**Feedback** - Troca de opiniões avaliativas que se dá entre as pessoas sobre determinada ação. Por exemplo: um aluno apresenta um trabalho. As críticas construtivas, os apontamentos sobre o que pode melhorar e a valorização do que está muito bom são os seus *feedbacks*.

**Glossar** - Explicar e definir termos e palavras, como estamos fazendo aqui, neste Glossário.

**Holístico** - Um olhar holístico significa ter uma visão e um entendimento integral de fenômenos e pessoas. Não mais analisá-los de forma segmentada.

**HQ** - Sigla para histórias em quadrinhos.

**Inep** - Sigla de Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), que promove estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro.

**Inovação incremental** - Refere-se a uma reorganização do que já existe, mas percebido com outro olhar, mais contextualizado a necessidades atuais.

**Inovação radical** - Refere-se a mudanças em todos os aspectos, seja de um lugar, de um conceito, de uma estrutura. No nosso caso, em tudo que envolve a escola e o aprendizado.

**Inovação substancial** - Refere-se a mudanças contínuas para deixar algo que já existe ainda melhor.

**Mensagens instantâneas** - Mensagens que passamos para as pessoas, em tempo real, como SMS e *WhatsApp*.

**Mixar** - Tratar ou combinar imagens ou áudios.

**Nuvem** - Um sistema de armazenamento de arquivos. Você pode acessar textos, planilhas e outros documentos pessoais de qualquer computador, não só do seu. Isto porque esses arquivos ficam salvos em um servidor, que é uma espécie de rede mundial.

**OECD** - Sigla de The Organisation for Economic Co-operation and Development, traduzida para o português como Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Essa instituição é responsável pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA).

**PISA** - Sigla de Programme for International Student Assessment, traduzido para o português como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, uma iniciativa de avaliação comparada, aplicada a estudantes na faixa dos 15 anos, idade média do término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países.

**Podcast** - Nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3, publicado na *internet*.

**Portfólios** - No caso da escola, portfólio é um conjunto organizado de trabalhos produzidos pelo aluno, ao longo de determinado período.

**Resiliência** - Habilidade de se adaptar e superar desafios e situações estressantes, sem perder o foco.

**Skype** - Ferramenta que possibilita falar com qualquer pessoa, de qualquer parte do mundo, por meio da *internet*, vendo e/ou escutando. É possível enviar documentos, fotos, vídeos e fazer reuniões *on-line* individuais ou em grupos.

**Sugata Mitra** - Professor indiano, idealizador dos SOLEs, ambientes de aprendizagem auto-organizados, também conhecidos como “escolas nas nuvens”, nos quais grupos de crianças recebem desafios e, de forma colaborativa, procuram respostas para superá-los na *internet*, sem o auxílio de um professor.

**Todos pela Educação (TPE)** - Movimento da sociedade brasileira, formado por educadores, empresários, especialistas, que tem como missão contribuir para que até 2022, ano do bicentenário da Independência do Brasil, o País garanta a todas as crianças e aos jovens o direito a uma educação básica de qualidade.

**Transmídia** - Várias mídias virtuais, ou não (vídeo, texto, livro, *blogs*, redes sociais, cartazes, áudios etc.), usadas para transmitir mensagens a determinado público.

**Wiki** - Conjunto de páginas *on-line* interligadas, que podem ser visitadas e editadas por qualquer pessoa. A Wikipédia é um exemplo, sendo considerada a maior enciclopédia virtual e colaborativa do mundo.

**Workshops** - Curso, oficina, laboratório de curta duração (presencial ou *on-line*), em que técnicas e habilidades são demonstradas e aplicadas na prática.

# Links para pesquisa\*

Escolas, plataformas e sistemas de avaliação e de ensino inovadores (na ordem em que aparecem nesta publicação)

**Projeto Escolas que Inovam**

**Projeto Escolas Rurais Conectadas**

**Educopédia**

**Khan Academy**

**Escola Digital**

**Qmágico**

**EMEF Amorim Lima (São Paulo, SP)**

**Northen Beaches Christian School (Austrália)**

**EMEF Zeferino Lopes de Castro (Porto Alegre, RS)**

**EPEG Manuel Bandeira (Guarulhos, SP)**

**Colégios Los Manglares (Colômbia)**

**Wooranna Park Primary School (Austrália)**

**Ginásios Experimentais Cariocas - CECs (Rio de Janeiro, RJ)**

**Escola Municipal Epitácio Pessoa (Rio de Janeiro, RJ)**

**Escuela Nueva (Colômbia)**

**EMEF Campos Salles (São Paulo, SP)**

**Colégio Fontán (Colômbia)**

**Colégio Estadual Chico Anysio (Rio de Janeiro, RJ)**

**Sistema de Aprendizado Tutorial (Nicarágua)**

**School 21 (Reino Unido)**

**GEC Anísio Teixeira (Rio de Janeiro, RJ)**

**Vovós nas Nuvens ou The Granny Cloud (Grã-Bretanha)**

**Student Bank Project e Wat Kod Tin Taram (Tailândia)**

**Portal Escolas Conectadas**

**Escola Digital**

**Northen Beaches Christian School (Austrália)**

**Escuelas Experimentales (Argentina)**  
**Escola da Ponte (Portugal)**  
**NuVu Studio – MIT (EUA)**  
**Educoteca**  
**Quest to Learn (EUA)**  
**Institute of Play**  
**Plataforma Plinks**  
**Colégio Estadual José Leite Lopes  
(Núcleo Avançado em educação, Rio de Janeiro, RJ)**  
**Dream Spark (Microsoft IT Academy)**  
**Innovation Unit**  
**The School in The Cloud**  
**Summit Public School (EUA)**  
**Growing Communities of Readers (África do Sul)**  
**Projeto RadioPhone (Índia)**  
**Readand Prosper (EUA)**

**Escola Kauti de Educação Infantil (Quênia)**  
**Escola GENTE (Rio de Janeiro, RJ)**  
**Escola Vittras (Suécia)**  
**Green School (Indonésia)**  
**Solar-powered Floating Schools (Bangladesh)**  
**Escola Into The Woods (Reino Unido)**  
**Escola de Educação Infantil Cisne Branco (Viamão, RS)**  
**The Solar Bus (Grécia)**  
**Colégio Cardenal de Cracovia (Chile)**  
**Summer Hill School (Reino Unido)**  
**Projeto Âncora (Cotia, SP)**  
**Ao Lawhiti Unlimited Discovery (Nova Zelândia)**  
**Michael Oak Waldorf School (África do Sul)**  
**Associação das Escolas Independentes da África do Sul**

# *Sites* de pesquisa (em ordem alfabética)

**Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica**

**Fundação Telefônica Vivo**

**Instituto Natura**

**LABi – Laboratório de Inovação Educacional**

**Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor)**

**Programa de Apoio à Formação Superior (Procampo)**

**Universidade Aberta do Brasil (UAB)**

# Livros e *links* para ampliar suas reflexões

**Livro “Sabores, cores, sons, aromas”**, de Maria da Graça Horn, Editora Penso, 2003

**Livro “Novos modos de aprender e ensinar - Volume 1”**, Fundação Telefônica Vivo, 2013

**Livro “5 atitudes pela educação – orientações pedagógicas para coordenadores pedagógicos”**, Todos pela Educação e Editora Moderna, 2014

**Livro “Juventude Conectada”**, idealização do Instituto Telefônica Vivo e realização do IBOPE Inteligência, Instituto Paulo Montenegro e Escola do Futuro USP, 2014

**Livro “Recriando a educação – Transformando sistemas educacionais”**, Innovation Unit – GELP (Global Education Leader’s Program), versão em português, 2014

**Projeto Caindo no Brasil**, de Caio Dib

\*Todos os *links* foram acessados em maio de 2016.

*Telefónica*  
FUNDADAÇÃO

/

**vivo**